



Ministério

Adventista

FRIO
Maio-Junho de 1970



Orgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2015

Ano 36 Maio-Junho, 1970 N.º 3

NESTE NÚMERO

CAPA: © CPB — A. Rios, Pintor

EDITORIAL

ONDE ESTA A ABÍA? Enoque de Oliveira	3
DEMÔNIOS HOJE Russel T. Hitt	4
SITUAÇÕES IMPOSSÍVEIS Miriam Hardinge	6
DECLÍNIO DO MINISTÉRIO E. E. Cleveland	12
ALGUMAS IDÉIAS SOBRE COMO TRABALHAR PRO- DUTIVAMENTE José Tabuenca	16
A IMORTALIDADE DA ALMA SEGUNDO AGOS- TINHO Alberto Treyer	17
VESTIDOS DAS ESPÓSAS DOS PASTORES — SU- BIR OU DESCER? Ron Runyan	19
UM ESTUDO DO DRAMA DE JEFTÉ Carlos A. Trezza	18

“Assim Falai e Assim Procedei” (S. Tia. 2:12)

R. E. KLIMES

OS cristãos vivem do pão e da Palavra. A Palavra de Deus é seu guia e sua mensagem às multidões.

Falai de tal modo que um mundo que espera a salvação possa ouvir. Falai de tal modo que os ímpios venham a saber o caminho a Deus. Falai, pregai, ensinaí, animai. Pois tornando-vos cristãos, tornastes-vos uma testemunha cristã, um pregador de Cristo.

Falai acerca de Cristo. Falai a Seu respeito com a decisão de um Saulo convertido: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado... A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder.” I Cor. 2:2-4.

Falai acerca de Cristo com a visão de Isaías: “Eu vi o Senhor assentado sôbre um alto e sublime trono.” Isa. 6:1. “Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e que há de ir por nós? Disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim.” V. 8.

Falai acerca de Cristo com o amor expresso por João: “Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo [digo] para que não pequeis.” I S. João 2:1.

Falai acerca de Cristo com a perseverança dos primitivos santos, que “diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus.” Atos 2:46 e 47

Então ponde-vos à escuta, enquanto Deus vos fala por meio de Sua Palavra, por meio de Suas árvores, por meio de Seus santos. Ouvi a Sua voz mansa e delicada, a falar as boas novas ampliadas pelo poder do amor.

Palavras vazias, quais vazias taças, não refrigeram. Deixai que Deus vos encha a taça da vida a transbordar de serviço amorável, de santas expressões dos vossos santos propósitos.

Assim fazei a Sua vontade.

Assim fazei Sua dignificante obra.

Os cristãos testificam não só pela fala mas também pela prática. É em praticar aquilo que pregam, que persuadem os outros.

“Assim falai, e assim procedei” — pela graça de Deus.



EDITORIAL

Onde Está a Ásia?

Vangloriava-se um dia, Alcebiades perante Sócrates, seu mestre, descrevendo as extensas propriedades que possuía nas cercanias de Atenas. Sócrates, após ouvi-lo pacientemente, estendeu diante dêle um grande mapa geográfico. "Mostra-me onde está a Ásia," pediu-lhe. E Alcebiades indicou-lhe o imenso continente. "Mostra-me agora, onde está a Grécia?" E Alcebiades mostrou-lhe o território helênico. Mas, quão limitada era a Grécia, em comparação com o continente asiático! — "E onde está o Peloponoso?" interrogou o sábio. Alcebiades custou a encontrar a célebre península onde os espartanos e atenienses terçaram armas em batalhas memoráveis. "E onde está a Ática?" A Ática naquele mapa era quase invisível. "Pois bem," arrematou Sócrates, "mostra-me onde estão as tuas extensas propriedades." Elas, evidentemente, não figuravam naquele mapa.

Um dos principais perigos que milita contra o ministro é o de se tornar presunçoso. Quão insensatos são aqueles que pretendem possuir grandes e extraordinários talentos ministeriais. O maior gênio dêste século não possui mais que um minúsculo grão dos imensos tesouros da ciência universal. Não devemos, pois, permitir que o orgulho domine o nosso coração.

Quando Satanás tentou a Jesus, diz o Evangelho, "levou-O a um monte alto." E é para lá que êle leva o ministro: a um elevado monte de arrogância, pretensão e orgulho. Nesta situação, quão oportuna se nos afigura a pergunta: "Onde está a Ásia?"

Um velho professor, irritado diante de um aluno vaidoso e enfatuado, perdeu a paciência e lhe disse:

— Jovem, se eu te pudesse comprar pelo que realmente vales, e depois vender-te pelo que supões valer, ficaria rico repentinamente. . .

É tão fácil o pregador, principalmente nos primeiros anos de sua experiência ministerial, ser arrastado pela corrente do orgulho e enfatuação, que fico a pensar, quem sabe algum piedoso irmão, observando sua empáfia e arrogância, não estará pensando e dizendo a seu respeito o que disse o professor ao vaidoso discípulo. . .

A vida e morte de Cristo constituem uma severa censura a toda espécie de enfatuação e orgulho existentes no coração de um ministro.

Orgulho do nascimento ou ascendência — "Não é êste o filho do carpinteiro?" S. Mat. 13:55.

Orgulho da honorabilidade — "Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?" S. João 1:46.

Orgulho da aparência pessoal — "... não tinha parecer nem formosura..." Isaías 53:2.

Orgulho da reputação — "... amigo dos publicanos e dos pecadores." S. Luc. 7:34.

Orgulho da erudição — "Como sabe Êste letras, não as tendo aprendido?" S. João 7:15.

Orgulho de superioridade — "Eu sou entre vós como aquêle que serve." S. Luc. 22:27.

Orgulho do êxito — "... desprezado e o mais indigno entre os homens." Isaías 53:3.

Orgulho da capacidade — "Eu não posso de Mim mesmo fazer coisa alguma..." S. João 5:30.

Orgulho do intelecto — "... falo como o Pai Me ensinou." S. João 8:28.

Mas, o que é o orgulho? Uma estimativa exagerada do próprio indivíduo com relação aos seus talentos, realizações, méritos ou posição. Aquêle que cultiva a virtude da humildade, não ignora o valor dos talentos, realizações e méritos pessoais, mas os atribui a Deus e os submete aos Seus desígnios.

Diz a Sra. White: "Os que possuem a mais profunda experiência nas coisas de Deus, são os que mais longe estão do orgulho e da presunção. É quando os homens têm mais exaltada concepção da glória e da excelência de Cristo, que o eu se humilha, e êles sentem que lhes é demasiado honroso o mais humilde lugar em Seu serviço." — Obreiros Evangélicos, pág. 320.

Henry Ward Beecher, depois de haver pregado um dos seus extraordinários sermões, foi elogiado por um ouvinte. Aproximando-se do pregador, o homem disse: "Dr. Beecher, o senhor é uma das pessoas mais ilustres que eu conheço."

(Continua na pág. 15)

Demônios Hoje

A astrologia, os horóscopos, o culto ao diabo e o demonismo, captam o interesse de milhares hoje. RUSSELL T. HITT, redator da revista Eternity, apresenta aqui uma muito necessária perspectiva bíblica, para vosso atento estudo.

SERÃO os demônios autênticos seres espirituais, dignos de séria consideração por parte dos cristãos hoje?

Podemos identificar imitações modernas da "possessão demoníaca" descrita nos evangelhos? Ou foram essas manifestações, peculiares da atividade demoníaca notória apenas durante a vida de nosso Senhor, deixando de existir posteriormente?

Existirá uma relação entre o demonismo e o atual ressurgimento do interesse no cultismo, na astrologia, no espiritismo e várias espécies de fenômenos psíquicos?

São estas algumas poucas das perguntas que confrontam o cristão, num tempo em que um bispo muito conhecido testemunhou que ele conversara com o espírito de seu filho finado; quando a astrologia e a leitura de horóscopos se tornaram tão procurados; quando uma das mais populares escritoras de nossos dias é uma vidente católica romana.

Em São Francisco um tal Antônio Szandor LaVey é "sumo sacerdote" e líder da "Igreja de Satanás," onde se celebram missas negras (uma perversão da missa católica romana), praticam-se adivinhações e são pronunciadas regularmente conferências sobre a magia negra a feiticeiros e bruxas.

LaVey afirma que a falecida estrela de cinema, Jayne Mansfield, lhe pediu que pusesse feitiço em seu apaixonado amante Steve Brody. Logo depois Brody e Jayne Mansfield pereceram num acidente de automóvel. Lavey atribui-se a si mesmo a responsabilidade da morte de Brody, e afirma ter sido a atriz a vítima "inocente" no caso.

Talvez nenhum dos atos perpetrados por LaVey seja mais repulso ao cristão do que os "satânicos" funerais que celebrou quando do falecimento de um jovem marinheiro que trabalhara numa igreja evangélica batista em Chicago, mas sofreu a influência de LaVey quando se achava na costa ocidental. Poderá o culto demoníaco de LaVey ser atribuído ao aberto demonismo?

No princípio de 1969 noticiaram-se fenômenos de pancadas e movimentos de objetos no lar de Silvio Saint Onge, em Quebec. Quatro sacerdotes investigaram os estranhos acontecimentos e os objetos envolvidos, como uma estátua da Virgem, que caiu espontaneamente e se quebrou; um quadro de Nossa Senhora do

Socorro Perpétuo, que era constantemente lançado ao chão, embora estivesse dependurado num prego bem firme; roupa que saía do armário e se amontoava no centro do quarto; e um dos pés da cama, que se erguia ao alto e caía ao chão. Os investigadores concluíram: "O Diabo, Deus o permitindo, pode manifestar-se tangivelmente por toda sorte de importunações em relação a certas pessoas ou coisas, como sucedeu na vida de muitos santos."

Em Londres um dominicano irlandês, F. Basil Prendergast, foi em setembro suspenso do cargo de professor, depois de se entregar à feitiçaria e à missa negra. Foi acusado de participar de ritos de nudismo e reuniões de um agrupamento de feiticeiros. A mais grave acusação contra ele foi por haver procurado que uma virgem participasse da missa negra.

Quanto não sejam desconhecidos entre nós relatos de feitiçaria e outras atividades ocultas, parece que o aspecto mais notável do fenômeno se exprime na ansiosa busca do transcendente, pela obsessão da astrologia.

A astrologia originou-se com os caldeus, e os gregos e os romanos a popularizaram. Já no ano 3.000 antes de Cristo sacerdotes babilônios, observando os céus, faziam suas predições de acontecimentos humanos. O princípio básico da astrologia está na idéia de que as estrelas e os planetas têm influência sobre o caráter e os acontecimentos humanos. A astrologia tem sido em geral considerada como uma pseudociência, desde que Copérnico, no século dezesseis, provou que não é a Terra o centro do universo.

Vários periódicos, entre eles *Time*, *The National Observer* e *New York Times Sunday Magazine*, têm ultimamente trazido longas reportagens sobre astrologia. Essas publicações calculam que haja nos Estados Unidos pelo menos 10.000 astrólogos. Dentre eles, Jeane Dixon, Carroll Righter e Sydney Omarr são os mais famosos. Segundo o periódico *Editor and Publisher*, 1.200 diários dos Estados Unidos publicam colunas de horóscopos, quando vinte anos atrás eram apenas 100.

Jeane Dixon

Mas Jeane Dixon é muito mais conhecida por suas predições fantásticas, que ela atribui a uma sensibilidade psíquica de origem divina. Diz ela que as visões lhe vêm à revelia de sua vontade. Outras vezes ela usa uma bola de

crystal ou toca com a ponta dos dedos as pessoas a quem revela suas predições. Faz pouco tempo que ela se voltou para a astrologia. Muitos cristãos ortodoxos que leram seus pronunciamentos nos jornais, ou no livro de Rute Montgomery, *A Gift of Prophecy*, perguntam timidamente: "Que devemos dela pensar?"

Não é fácil categorizar a Sra. Dixon, pois boa parte de suas predições parece teocêntrica e cristocêntrica. Talvez, como julga bom número de peritos no campo da parapsicologia, a Sra. Dixon desenvolveu altamente faculdades de percepção extra-sensoriais.

Entretanto, algumas de suas visões perdem-se numa nebulosidade fantástica. Descreve ela uma visão de arrepiar cabelos, tida em 14 de julho de 1952, quando uma cobra se arrastou para o seu leito e se lhe enrolou no corpo. "Observando eu, ela voltou lentamente seus olhos e me fitou," diz ela. "Nêles estava a onisciente sabedoria dos séculos. . . . Ela não falou, mas tive a impressão de que me dizia que eu tinha muito que aprender."

Em face do diálogo da serpente com Eva, no Éden, e do papel invariável das cobras e serpentes na feitiçaria, na necromancia e nas religiões que cultuam os espíritos maus, essa visão da Sra. Dixon é tudo menos tranquilizadora. Entretanto, o caráter da Sra. Dixon parece impecável.

Conquanto a teologia e a psiquiatria naturalísticas de nosso tempo excluam a existência de demônios, tem havido grande ressurgimento dos temas sobrenaturais na literatura e no cinema. O livro *Rosemary's Baby*, de Ira Levin, causou furor nas livrarias, tendo já alcançado 2,5 milhões de exemplares. O filme anda pelos 40 milhões de dólares, e faz parte dos 50 maiores da indústria cinematográfica.

Qual é o enredo? É a história de uma jovem dona de casa em Nova York, que se encontra nas malhas de um bando de bruxas modernas. Tal qual muitas vítimas medievais, ela é sujeita a incubos e enfim dá à luz um filho — metade humano, metade demônio.

O Cenário na Europa

Mas talvez mais incrível, nesta época de realizações científicas e sofisticadas, seja a narrativa realista de Bernadete Hasler, de 17 anos, bela menina suíça que foi espancada até morrer, em 14 de maio de 1966, por ter sido acusada de incubo. Este caso confuso veio à luz em Zurique, por ocasião do julgamento de um sacerdote alemão destituído das funções sacerdotais, e cinco de seus seguidores, acusados de assassinar a Sra. Hasler quando procuravam expulsar dela um demônio.

Obreiros cristãos da Suíça referem que quase não existe uma aldeia naquele lindo país que não tenha um feiteiro ou médium que ma-

neja encantamentos ou coze poções de modo semelhante ao que faziam seus predecessores medievais. Só em Zurique existem 2.000 médiuns.

Casos semelhantes têm sido referidos em relação a toda a Europa "civilizada," especialmente a Alemanha, França e Itália. O Dr. Roberto P. Evans, fundador e diretor da Missão Grande Europa, descreve em *Let Europe Hear*, a situação na França: "A ignorância espiritual e a escravidão moral de muitos franceses quase ultrapassa as raiais do crível. Na vida de milhões de pessoas existe latente o temor de poderes invisíveis e a compulsão de apaziguá-los."

Descreve êle o assassinio de um lavrador francês por sua irmã, que o afogou numa bacia de água com sal. A mulher tinha anteriormente consultado uma bruxa que fizera encantamentos sobre um punhado de sal, a fim de anular uma praga de mau olhar que ameaçava a fazenda da mulher. O lavrador não concordava com o caso. Nas cidades e aldeias da Normandia, apenas, há mais de 300 templos que se especializam em espiritismo e cura.

Kermit Zopfi, quando diretor do Instituto Bíblico Alemão, travou conhecimento com um jovem de nome Rolf, que expressou o desejo de se tornar crente. Quando Zopfi se ajoelhou ao lado da cama para orar com o jovem, o missionário sentiu que a cama se movia. Abriu os olhos e viu Rolf "tremendo violentamente, como em convulsões. Começou a ofegar, como se estivesse sufocado, atirando-se então na cama."

Então Rolf gritou: "O diabo não me quer deixar orar. Eu pertenço a êle." Mais tarde se descobriu que o pai de Rolf era líder de um culto aos demônios. O próprio Rolf participara de uma cerimônia em que vendera sua vida ao diabo. Alguns meses mais tarde Rolf conseguiu aceitar a Cristo e libertar-se de sua vida de cativo.

Em fevereiro, representantes dos mágicos da Itália fizeram uma demonstração, em frente à Câmara de Deputados de Roma, solicitando a legalização de sua profissão e assistência aos idosos.

Comentando o incremento do interesse nos fenômenos ocultos e psíquicos, Edward Gross, professor de sociologia na Universidade de Washington, declarou recentemente: "Arguem os sociólogos que, numa sociedade estável, a religião provê as respostas necessárias às grandes questões da vida, da morte e do destino do homem. Mas em sendo subvertida a estabilidade, as pessoas experimentam uma sensação de estar perdidas e, em estado *sui-generis* de receptividade, volvem-se desesperadamente para todos os lados, em busca de novas respostas." — *The Ministry*, dezembro 1969.

(Continua no próximo número)



Para a Espôsa do Pastor

“**E** MINHA espôsa pôs-se a rir a bandeiras despregadas . . .” disse o ministro.

Alguém trouxera à baila o caso dos telefones em casa do ministro, a tilintar quase ininterruptamente, e dos momentos inoportunos em que às vèzes isso se dá. Esse ministro estava a contar o caso de um telefonema que recebera de um membro da igreja, às quatro horas da madrugada. Na noite anterior tentara entrar em contato com aquêle membro, mas fôra informado de que se achava em viagem e voltaria a qualquer momento.

— Por bondade, diga-lhe que me chame, quando voltar, sim? pediu o ministro.

Mas o jovem só voltou pouco antes das quatro horas. Vendo o recado, tratou de telefonar imediatamente.

Não é lá coisa muito agradável ser despertado do sono, alta madrugada, pelo tilintar do telefone. Ao atender, assomam ao espírito da pessoa chamada, tôda sorte de possibilidades temíveis. A espôsa do ministro, nesse caso, foi sacudida a um despertamento instantâneo, pondo-se a cogitar sôbre o possível motivo do telefonema. Foi ao lhe ser esclarecido o fato, tão corriqueiro, que ela “se pôs a rir a bandeiras despregadas.”

Ao ouvir a história, pensei: Feliz o ministro cuja espôsa *está disposta* a rir em semelhante ocasião. Quantas se queixariam amargamente das pessoas desatenciosas que não tinham o senso da oportunidade, para telefonar a um pastor cansado numa hora tão imprópria! Mas a espôsa daquele ministro não desperdiçava tempo com semelhantes pensamentos. Inteirou-se da situação com um senso de humor, e estou certa de que ambos bem depressa adormeceram, por causa dessa atitude. Não tivesse ela demonstrado graça e bom humor, e ambos provavelmente teriam ficado por muito tempo insones e aborrecidos.

Quanto depende de nossa atitude em relação a situações impossíveis!

Situações Impossíveis

MIRIAM HARDINGE

Espôsa de Pastor, Angwin, California

Lembro-me de haver certo sábadado convidado para o almoço um casal muito querido, já amadurecido em anos. Pretendíamos, depois da refeição, assentar-nos calmamente e considerar alguns dos grandes temas da Bíblia. Mas nosso convite estava destinado a crescer e crescer . . .

Primeiro nossa hóspede nos telefonou, na quinta-feira, para dizer que sua neta acabara de avisar que viria passar com ela o fim de semana.

— Traga-a consigo, sem cerimônia! disse-lhe eu.

Na sexta-feira, telefonou-me de nôvo.

— Rosalina também virá, disse ela, referindo-se a outra neta sua. Assim talvez seja melhor ficarmos em casa, mesmo porque virá com ela o namorado.

— Oh, por tudo, traga ambos também! respondi.

No dia seguinte tivemos na igreja um distinto visitante de além-mar. Fiquei cogitando se alguém o teria convidado para o almoço, e ousei perguntar-lhe.

— Não, respondeu-me, quando lhe fiz a pergunta.

— Bem, por favor vamos conosco. Ficaremos encantados com a sua visita.

— E eu ficarei encantado de aceitar o seu convite, voltou êle, mas o irmão F. me trouxe até aqui, vindo de Biftown. Porventura o convite inclui a êle também?

— É claro, respondi, e pus-me em busca do irmão mencionado.

— Muito obrigado, disse êle vivamente, em resposta ao convite. Minha espôsa veio comigo, também.

— Ótimo! exclamei, animando-me com o desafio (embora, no íntimo, contente por se tratar de um casal sem filhos). Apressei-me rumo de casa, para ir ao encontro de minha filha.

— Ó mamãe, disse ela, Joana veio à igreja esta manhã. Podemos convidá-la para o almoço,

(Continua na pág. 24)

A Imortalidade da Alma

Segundo Agostinho

ALBERTO TREYER *

PRIMEIRA PARTE

A Fonte da Inspiração Agostiniana

EMBORA Agostinho não fôsse o primeiro pai da igreja a falar na imortalidade da alma, êle é sem dúvida alguma um dos que melhor define essa doutrina para o catolicismo. A fonte de sua inspiração não está, como seria de esperar, na Bíblia, mas sim na filosofia pagã, e especialmente em Platão. O próprio Agostinho nos informa que confiava em "achar entre os platônicos a doutrina mais conforme com nossa revelação,"¹ pois sua "filosofia" é a que mais se aproxima da verdade" cristã.² Chegou até a perguntar se porventura não teria Platão "ouvido o profeta Jeremias," e se não teria "em suas viagens, lido a Sagrada Escritura."³ Chega mesmo a falar nas "sacrossantas doutrinas de Platão."⁴ Tal era o esforço e o desejo de conseguir uma harmonização do pensamento cristão com o pagão, o que se vê claramente ao estudar o tema da imortalidade da alma. E neste ponto é significativo o fato de que já "antes de sua conversão ao cristianismo havia escrito um livro dando 16 razões para a imortalidade da alma."⁵

Que é a Alma?

A definição que Agostinho dá da alma é simples: "É uma substância dotada de razão, destinada a reger o corpo";⁶ é um "princípio receptor e universal das sensações."⁷

Como podemos notar, tem êle um conceito dualista quanto ao homem, no qual uma das naturezas que o compõem é subjugada à outra. Distingue, além disso, dentro da alma humana duas qualidades essenciais, para poder entender a morte da alma imortal, ou a imortalidade "a seu modo." Estas são a alma superior ou interior, que está unida a Deus e que se assemelha portanto a Êle, e a alma inferior ou exterior,⁸

* Aluno do terceiro ano de Teologia, no Colégio Adventista do Prata. Este artigo é uma resumida síntese por êle preparada, de uma monografia que apresentou em cumprimento parcial dos requisitos da matéria "História Eclesiástica I e Patrologia."

que está destinada a informar os corpos, e se acha condenada a morrer depois do pecado. Esta última governa dois corpos, não segundo sua vontade, mas de acôrdo com as leis universais.⁹

Origem e Essência da Alma Humana

Disse Agostinho que Deus criou a primeira alma a Sua imagem, dotada de razão e de inteligência. Criou-a superior à dos animais e inferior aos anjos.¹⁰ A natureza da alma não se converte na natureza do corpo, tampouco na de alma irracional, nem delas provém. Tampouco se converte em natureza ou essência de Deus, nem tem nela origem. Deus a criou do nada, ou de uma criatura espiritual.¹¹ A alma tem uma natureza especial e própria, a que Deus lhe conferiu.¹² É uma criatura mortal, porquanto se deteriora depois de desprender-se da vida de Deus, mas ao mesmo tempo é imortal, porquanto não pode perder o sentir, pelo que lhe há de ir bem ou mal depois desta vida. É importante, também saber que não mereceu ser encerrada na carne por atos realizados antes da carne.¹³

Agostinho não sabe se Deus faz as almas dos homens por propagação ou criando-as cada vez, como da primeira vez. Conquanto a idéia que mais lhe agrada seja a criação de cada alma ao nascer, inclina-se pela idéia da propagação. A razão está em que, se Deus cria cada alma no momento de nascer, segue-se então ser inútil o batismo de crianças. Pois a alma é criada sem pecado, e ao batizar uma criança faz-se isso com a finalidade de liberar sua alma do pecado original.¹⁴ Contudo, encontra dificuldade em achar na Escritura Sagrada uma afirmação clara quanto a qualquer destas duas possibilidades.¹⁵

A alma, continua Agostinho, foi adotada na linhagem de Deus por graça, quanto ao espírito, e não quanto à natureza. Não foi encerrada neste corpo mortal.¹⁶ Podemos notar aqui estas duas qualidades da alma, das quais falamos anteriormente. Somente a qualidade espiritual da alma foi adotada na linhagem de Deus,

e não a inferior. Por meio do espírito a alma remonta a Deus, e esta sua qualidade, segundo Agostinho, foi criada ao mesmo tempo que o corpo.¹⁷ Não sabe, porém, se a alma (e pensamos que se refira à alma inferior) antes de sua união com o corpo viveu ou não sábiamente.¹⁸ O homem foi criado com possibilidade de fruir uma imortalidade feliz e eterna ou, pela desobediência, de sofrer um suplício eterno.¹⁹ Agostinho nunca soube qual a origem da alma quanto à substância, tampouco se se poderá isso saber nesta vida terrena.²⁰

Aspectos Gerais da Imortalidade da Alma

Como já vimos, Agostinho tem um conceito dualista quanto ao homem. "O homem é alma, é espírito e corpo."²¹ Dissemos também que o espírito, em sentido geral, é a qualidade da alma pela qual esta se eleva a Deus. Pois bem: tanto a alma como o corpo viverão eternamente depois da ressurreição. A alma é imortal, e contudo pode morrer. Por esta razão Agostinho fala da imortalidade da alma "a seu modo." O corpo morre, mas será ressuscitado ao fim do mundo. Daí por diante não morrerá.²² A alma teve começo, pois foi criada por Deus,²³ mas foi dotada de uma força de vida inextinguível, de tal maneira que não possa morrer.²⁴ Depois da morte do corpo a alma tem capacidade de conhecimento, e permanece em lugares ocultos, segundo o disponha, Deus.²⁵

"Também os perdidos," diz Agostinho, "têm corpo, cuja sorte é uma perpétua morte e corrupção. Esta é a segunda morte. A condenação é graduada segundo a medida da culpa, sendo mais leve para as crianças." De maneira que tanto os bons como os maus terão uma existência sem fim. É claro que a sorte de uns não será a sorte de outros, pois "não se pode duvidar da duração eterna... dos castigos do inferno" que terão os maus.²⁶

Imortalidade da Alma "a seu modo"

Agostinho admite que "a Sagrada Escritura se refere com freqüência à morte da alma; por exemplo: 'Deixai aos mortos que enterrem os seus mortos.' E contudo, do mesmo modo que morre ao desprender-se da vida de Deus, não deixa de continuar vivendo em sua própria natureza."²⁷ Se não pudesse morrer, como disse o Senhor, quando nos atemorizava: "Temei a quem pode dar à alma e ao corpo a morte do inferno?... Só uma alma pode contradizer a vida. O Evangelho é vida; a impiedade e infidelidade são morte para a alma... Como, pois, morre? Não deixando de ser uma vida, mas sim perdendo a vida. Com efeito, para uma coisa, o corpo, a alma é a vida; mas também, ela, a alma, tem sua vida própria. Ob-

servai a ordem das criaturas; a vida do corpo é a alma, a vida da alma é Deus."²⁸

Vemos aqui outra vez a divisão da alma que supõe Agostinho. A vida do corpo seria a alma inferior, e a vida da alma seria a alma superior. "Por que está morto o corpo? Porque se ausentou a alma, sua vida... Por que está morta a alma? Porque a deixou sua vida, Deus." "É a alma um ser tão excelente, que, mesmo morta ela, todavia é capaz de comunicar ao corpo a vida... mesmo morta pode vivificar a carne."²⁹ De maneira que a idéia da mortalidade da alma em Agostinho se refere à sua separação de Deus, e não a uma verdadeira morte. Sabemos que vive porque move o corpo, e sabemos que por sua vez está morta porque peca e se separa de Deus.

Demonstração da Imortalidade da Alma

O principal de todos os argumentos de Agostinho para demonstrar a imortalidade da alma de um ponto de vista filosófico é o argumento da verdade. Serve-se também do argumento das artes, que nêle não é original. Em Cícero há pelo menos uma alusão a elas como evidência indireta da imortalidade da alma. Basta saber que é semelhante ao argumento da verdade. Além disso, pretende demonstrar dita imortalidade pela felicidade eterna, e pela fé no Filho de Deus, argumentos que são de ordem teológica. Analisemos três de seus argumentos:

I. *A verdade não pode deixar de existir:* "A verdade não pode deixar de existir... porque 'se perece a verdade, não será verdade que a verdade pereceu?'... Ora, a verdade imutável e indestrutível está unida à alma como a sujeito próprio. Logo a alma é imortal."³⁰ Vemos claramente aqui que para Agostinho existe uma unidade inseparável da alma com a verdade. Em que se baseia, para êsse raciocínio? Vejamos:

1. Unidade razão-alma: "A razão certamente, ou é a alma, ou está na alma. A razão não é o nada, porque é melhor que o corpo, que tem substância, e portanto não pode ser nada."³¹

2. Unidade razão-verdade: "A razão é um aspecto da alma pelo qual se intui o verdadeiro por si mesmo, não pelo corpo."³²

3. Unidade alma-verdade: "De qualquer modo que se encontre a verdade, não a poderia contemplar a alma por si mesma, senão por uma espécie de união com ela."³³

(Continuará.)

-
1. Santo Agostinho "Contra os Acadêmicos" (CD) *Obras Completas de Sto. Agostinho*. (Madri, Biblioteca dos Autores Cristãos, 1950-1959), III, 221.
 2. Santo Agostinho "Cidade de Deus," (CD), *op. cit.*, Vols. XVI-XVII, 532 e 533.

(Continua na pág. 15)



PREGADOR

RON RUNYAN



VISTO como êste número especial é dedicado a essas maravilhosas espôsas dos ministros, os redatores solicitaram que eu dirigisse os pensamentos rumo das modas femininas. Sou homem cujo lar se gaba da presença de três amáveis criaturas femininas. O aroma de loções para o cabelo e outros perfumes, a vista de estruturas capilares e faces recobertas de cremes, o som de enxugadores de cabelo e outros implementos da *toilette* feminina, têm-me provado que a moda de fato exerce sôbre as mulheres um poder equivalente ao da Lua cheia sôbre o oceano. É misterioso o enfeitiçante poder da indumentária, dos cosméticos e das jóias sôbre a mulher. Êste mistério assume aspectos ainda mais complexos quando testemunhamos a evolução das modas exóticas e grotescas, tanto entre os homens como entre as mulheres. Onde teve início isso tudo, e onde terminará?

Teve início no jardim do Éden. As primeiras vestes feitas pelo homem, de que se tem notícia, foram feitas de fôlhas de figueira. Talvez seu estilo e falta de modéstia fôsssem fatores contribuintes para que Deus as rejeitasse e substituísse. Uma coisa é certa: as modas de hoje, de quase nudez, são forte indício de que está a desaparecer rapidamente o senso de vergonha e de culpa em relação ao pecado.

Completa Série de Novas Ciladas

A estratégia de Satanás, tentando as mulheres a adorarem o deus da moda, muda de tempos em tempos. Quando Ellen G. White es-

creveu sôbre modas, o problema da indumentária abrangia babados, rufos, laços, comprimento insalubre do vestido (êste varria o chão sujo das ruas), e a extrema constrição da cintura. Hoje a maioria dêsses erros deixou de existir. Uma completa série de armadilhas foi disposta pelo maligno.

A questão é: Que atitude devem as mulheres adventistas, e em particular as espôsas dos ministros, assumir em relação à moda?

Espero que minhas leitoras compreendam que não me estou arvorando em juiz delas. Deus, unicamente, sabe a luta que se trava no coração de nossas senhoras, nesta questão do vestuário. Existe um Deus pessoal, invisível aos nossos olhos no momento, mas nós não Lhe somos invisíveis! Seu juízo quanto a nós cobre tôdas as áreas da vida, inclusive nosso vestuário. Suas palavras: "Bem está" ou "Apartai-vos de Mim" baseiam-se em nossos atos e hábitos de hoje!

A maioria das espôsas dos ministros está dando excelente exemplo em sua aparência e no vestuário. A igreja deve orgulhar-se das senhoras, e de fato se orgulha. Apelo para vós, a fim de que continueis a maneira de vos vestir de modo simples, elegante e modesto. Mas há algumas espôsas que (espero o façam ignorantemente) se tornaram uma pedra de tropeço aos próprios familiares e aos membros da igreja. Êste é um apêlo no sentido de que considereis a maneira que o Senhor deseja que vos apresenteis.

Peixinhos Dourados e Pássaros

As esposas dos ministros, como as pessoas de destaque na sociedade e os políticos, pertencem ao público. Tenhamos coragem de dizê-lo, senhoras: estais sempre em observação, como os peixinhos dourados num aquário ou um canário na gaiola. É fato inescapável que as esposas dos ministros são “observadas, e delas se espera mais do que das outras. Seu vestuário deve servir de exemplo.” — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 139. Existirá razão válida para que isto não seja verdade? É uma lei da vida, tão inalterável como a lei de gravidade. Aceitai animosamente a situação, e o Senhor e Seus anjos vos louvarão.

A Questão Envolverá a Moral?

Uma questão que as senhoras devem decidir de uma vez para sempre, é o envolver ou não a moral a maneira de vos vestirdes. Únicamente a inspiração está no caso de resolver a questão. Eis a resposta: “A idolatria do vestuário é uma *enfermidade moral*.” — *Evangelismo*, pág. 313. (Grifo nosso.)

“Satanás está constantemente elaborando alguma moda de vestuário que se demonstre um dano à saúde física e *moral*; e êle exulta quando vê os professos cristãos aceitando avidamente as modas que êle inventou.” — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 634. (Grifo nosso.) Notai cuidadosamente as palavras “*enfermidade moral*” e “*saúde moral*.” Acrescentemos mais isto: “A obediência à moda está invadindo nossas igrejas adventistas do sétimo dia e está fazendo *mais do que qualquer outro poder* para separar de Deus nosso povo.” — *Idem*, pág. 647. (Grifo nosso.)

Qualquer coisa que separe de Deus o homem é positivamente uma questão moral. A moda está para a moral como o cigarro está para o câncer do pulmão. Não se pode fugir à magnitude do problema do vestuário. “A obediência à moda está... fazendo mais que qualquer outro poder para separar de Deus nosso povo.” Poderia Deus tornar mais incisivo êste ponto?

Exploração Comercial

Os forjadores das modas apóiam êsse fato, admitindo desavergonhadamente que o corpo feminino tem sido, está e será explorado por razões comerciais, e sublinhando tudo acha-se um pensamento: *sex appeal*! É estudado propósito dos lançadores de modas, focalizar a atenção dos homens para a forma feminina. Êsses especuladores da moda exploram a mais não poder a exposição de uma parte do corpo feminino, tais como, por exemplo, as pernas, até que a novidade e atração se desgaste. Então passam a expor outra parte da anatomia da mulher. Hoje, modas exóticas têm exposto

espetacularmente até a saturação, tudo que a mulher tem de sagrado a ponto de que, para o homem decente, seus encantos se trocaram por náusea e repulsa.

Se os únicos sub-produtos de algumas das modas de hoje fôsem a náusea e a repulsa, as objeções se reduziriam em muito. Mas nem todos os homens são decentes. Notai bem, senhoras, que uma mulher vestida indecentemente, em geral magnetiza um homem indecente.

Um despacho da Associated Press noticiou um aumento de 100 por cento nos crimes sexuais na cidade maior do mundo, Tóquio, nos primeiros nove meses de 1967 em relação ao mesmo período de 1966. A polícia de Tóquio incrimina a mini-saia dêsse aumento assustador.

A Mini-saia e os Raptos

Outros fatores, naturalmente, tais como o incremento da literatura pornográfica, programas lúbricos de televisão e filmes, e livros sexo-cêntricos, também concorrem com seu contingente. A tendência de tôdas as formas de crime, aliás, é para o aumento rápido. Há, porém, uma notável semelhança, que ninguém pode negar, entre a subida da saia e a subida das estatísticas de raptos forçados. Até 1963, o número de casos de rapto forçado era mais ou menos o mesmo, cada ano. Então de súbito o gráfico sobe para a estratosfera! Foi por êsse tempo que o comprimento dos vestidos femininos começou a ir em direção errada.

“Nestes últimos dias, as modas são vergonhosas e imodestas. São motivo de profecia. Foram introduzidas por uma classe de pessoas sôbre as quais Satanás tem *inteiro controle*.” — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 189. (Grifo nosso.) Na verdade a raça humana está hoje em estado frenético. As modas imodestas, imorais, podem em grande parte ser creditadas ao nosso presente estado de ilegalidade e colapso moral.

Não será tempo para muitos membros da igreja, e mesmo algumas das esposas de nossos ministros, permitirem que as saias e os joelhos se toquem mutuamente? “Nossa única segurança está em nos colocarmos como povo peculiar de Deus. Não devemos ceder uma polegada aos costumes e modas desta época degenerada, mas permanecer moralmente independentes, sem contemporizar com suas práticas corruptas e idólatras.” — *Idem*, Vol. 5, pág. 78. Temo que algumas tenham cedido bem mais do que uma polegada, nesta questão do vestuário.

É Culpa dos Homens, Tão-sòmente?

Podemos culpar o segmento masculino de nossa sociedade, sòmente, por estas estatísticas assustadoras? Existe uma inegável relação entre a maneira de trajar-se e de agir das mulheres e essas atrocidades. Falo francamente, mas uma visita sabatina à maioria de nossas igrejas hoje

apresenta o quadro de muitas mulheres, no auditório e no estrado, a convidar francamente avanços perigosos, pela maneira indecente em que se trajam. Algumas procuram servir-se de leques, revistas ou bolsas para cobrir sua nudez. Outras se contorcem inquietas, num esforço de estender o vestido o bastante para cobrir o fim das meias ou a roupa íntima!

Cogito às vezes se os anjos, envergonhados, não volvem o rosto dessas cenas.

Dar-se-ia o caso de que algumas de nossas pastôras estejam ignorantemente ajudando a cruzada satânica de imodéstia, de sedução, rapto e tudo mais, por suas erradas normas de trajar-se?

Considerai a influência de uma espôsa de ministro a qual se vista imodestamente, sôbre a obra de seu espôso. Suas palavras, junto ao púlpito, perdem em grande parte a fôrça e poder, por causa do aspecto que a espôsa apresenta. Ponde-vos em lugar de uma pessoa interessada ou batizada recentemente, e que julga unir-se a uma igreja "perfeita"! Deve ficar inteiramente confusa, ao ver como alguns de nossos membros se vestem. Mas imaginemos como se sentirá quando conhecer uma espôsa de ministro que seja na igreja uma líder na imodéstia. Os resultados são devastadores no coração e na alma dêsses noviços na fé.

Qual a Norma?

"Da mesma sorte as mulheres devem vestir-se de maneira apropriada, modesta e sôbriamente, não com elaborados estilos de cabelo, nem adornadas com ouro ou pérolas, ou vestes dispendiosas" (1 Tim. 2:9. *New English Bible*). Este pensamento, expresso por Paulo a Timóteo baseia-se no grande tema de exaltar a Deus e não ao homem. O motivo de trajar-se modesta e sensatamente é revelar caráter e personalidade cristãos. Estes se demonstrarão pelas vestes usadas. Tenho ficado estupefato ao ouvir lançadores de modas confessarem que as roupas que a mulher e o homem usam, são definida expressão da personalidade e do caráter. O cristão verdadeiro usará roupas que lhe complementem o caráter e nunca o depreciem. As modas modernas focalizam a atenção no próprio eu, nunca em Deus. Se a mulher se deixa crucificar com Cristo, como fêz Paulo, isto se verá nas vestes por ela usadas. Dirigi-vos a vós mesmas a pergunta: Estou buscando minha própria glória, ou sigo o Salvador, quando declarou: "Eu não procuro a minha própria glória"?

Marchando para Sião, ou —?

Quando as santas mulheres marcham para Sião, podeis imaginá-las usando vestidos justos, meias de renda ou estampadas, saltos finos, decotes, mini-(ou quase) mini-saias, vestidos transparentes, biquini, olhos sombreados, cabelos tingidos etc.? Pessoas assim poderão cantar "Mar-

chamos para Sião," mas receio que se achem enganadas quanto ao seu destino. Lembrai-vos de que "logo que alguém tenha o desejo de imitar as modas do mundo, e delas não desista imediatamente, *tão depressa Deus deixa de reconhecê-lo como filho Seu.*" — *Testimonies*, Vol. 1, pág. 137. (Grifo nosso.)

Que Tal eu Pareço, Jesus?

Se algumas de nossas boas irmãs procurassem, nesta questão da moda, saber o desejo de Deus, em vez de indagarem o que a sociedade, Paris ou o *Vogue* ditam, que belas modificações não se haveriam de realizar em sua maneira de vestir!

Seria porventura infantil sugerir que, quando vos vestis para um aparecimento em público, além de pedir a opinião do marido, fôsseis a um recanto sossegado de vosso lar, e erguêsseis o coração para o Céu, indagando sinceramente: "Que tal eu pareço, Senhor Jesus? Aprovarás a maneira em que me apresento?" "Procurai sempre saber o que mais agrada ao Senhor." Efés. 5:10 (*Twentieth Century New Testament*). Que privilégio tendes, como espôsas de ministros, de poder influenciar o mundo para bem, por vosso excelente exemplo, trajando-vos de maneira modesta e bela! — *The Ministry*, agosto 1969.



Decla



“SE já houve tempo em que a pregação foi uma necessidade, é por certo agora êsse tempo.”

Esta insólita observação foi feita a um ministro, pelo filho de outro ministro, e reflete uma atitude mantida por parte de homens e mulheres de tôdas as idades. Não se destaca hoje tão claramente o papel principal do ministro como em tempos idos, e muitos freqüentadores de igreja a ela vão por lealdade e hábito,

mais do que em resultado de qualquer paixão inflamada de estar presente num determinado serviço religioso.

Objetará alguém, com certa dose de justiça, que a competição de origem mundana cobra o seu tributo de adoradores despercebidos. Acrescente-se a isso os efeitos paralisantes da apostasia pessoal, e teremos um quadro mais nítido. Mas, sinceramente, quanta frouxidão na assistência às reuniões se deve às causas acima

nio

D

Ministério

E. E. CLEVELAND

Secretário Associado da Associação Ministerial

acentuadas e quanto mais se pode atribuir à falta de interesse das reuniões! É para este problema que vamos dirigir agora a nossa atenção. Não devem os santos ficar a lamentar os bons dias antigos, quando os hinos faziam pulsar o coração de alegria e esperança, e os sermões ateavam o zelo e nutriam os sonhos de uma vida melhor aqui e no mundo por vir. Sim, aqueles bons dias de antanho, quando eram poucos os observadores do relógio e o ministro não era prisioneiro de sua congregação.

Graças a Deus muitos hoje estão livres, mas alguns há que renderam a autoridade de que Deus os investira, e não são mais a voz de Deus ao povo, mas são, sim, uma espécie de material medíocre, um instrumento de instituição, de certos membros influentes da igreja. Os ideais e alvos e pronunciamentos da fé cristã merecem muito mais que isso, pois o cristianismo é uma filosofia espiritual, que incorporou a vida e sua expressão mais sublime. Em nenhuma outra literatura ou filosofia se encontra tão claramente delineado o que de melhor pode conseguir o homem. As nítidas linhas do conceito cristão foram dispostas por seu Criador, a fim de despertar o que de melhor existe em nós, sob a influência de Cristo e de Seus ensinamentos. Os impulsos para o bem, paralisados pelo pecado, são despertados, tal como o foi Lázaro dentre os mortos.

Não existe campo da delinqüência humana de que não trate o evangelho. O pecado é um deprimente. O Evangelho é estimulante. Não existe para o homem instrumento mais eficaz de despertamento. É significativo que, aonde

quer que o evangelho tenha ido, tem despertado no homem uma nova intuição de sua própria dignidade e de seu valor aos olhos de Deus. A História regista que nos tempos da escravidão, quando os homens se encontravam sob a amargura de um jugo cruel, a chama bruxuleante da fé se avivava na treva, quando o opressor punha ao alcance do oprimido a Bíblia. E foram as suas frases poéticas e seus ensinamentos apocalípticos que restauraram a intuição de humanidade, e dignidade, e confiança e esperança, e os *spirituals*, que se tornaram parte da herança americana, começaram a tomar uma nova tonalidade de expectativa do livramento e triunfo últimos. E decantaram tôda a gama da experiência cristã.

Esta história pode ser contada e recontada mil vezes. Só quando o cristianismo foi, do Oriente médio, impellido para a Europa, é que seu efeito humanizante promoveu a civilização do povo. Os conceitos básicos de justiça e liberdade incorporados nas leis ocidentais têm suas raízes nos conceitos judeu-cristãos. Aonde quer que Cristo foi — à Ásia, à África, à Europa, à América e às ilhas do mar — aí se vê um melhoramento da sorte dos homens; e os recipientes do cristianismo tornam-se inimigos naturais da doença, da imundície, do pecado, do crime, e da desesperança. Cristão é o que vê para além do escuro véu do imediato para a luminosa glória do futuro. Cristão é o que vê, nas mutiladas formas de um soldado tombado no campo de batalha, uma oportunidade para o serviço; vê no analfabeto, aparentemente nada promissor, uma oportunidade para o esclarecimento. Quem, senão o cristão, pode olhar à morte realisticamente e ver nela o que de fato é, e no entanto não se sentir acovardado pelo túmulo, porque Aquêle que é o Autor do cristianismo triunfou sobre a morte, sobre o inferno, e o túmulo afinal proclamará o Seu domínio sobre tudo? O cristão deve ao evangelho de Cristo, esta maneira de encarar a vida, pois nesse evangelho reside a semente da única imortalidade ao nosso alcance.

Com uma mensagem como esta, e o espírito e a fé para proclamá-la, poderia a igreja jamais se tornar uma instituição agonizante? Poderia o púlpito tornar-se “uma antiquada peça de madeira”? A triste resposta é: Pode tornar-se justamente isto, e em alguns casos isso já está acontecendo.

A vida da igreja depende em grande medida da vida do ministro. Neste estudo dividiremos o assunto em três partes: (1) Sua vida e ministério espirituais em relação com a operação interna da igreja; (2) sua vida e ministério administrativos, e (3) sua vida e ministério evangelísticos. Uma igreja, assim como seu

ministro, pode prosperar e tornar-se uma fonte de forças e vida, ou pode ser empalada nesta trindade de expressão ministerial. Consideremos cada uma das divisões:

1. *Ministério espiritual do ministro.* Ele é por definição o pastor do rebanho e líder espiritual da congregação. Suas devoções particulares são, pois, de suma importância, para ele e para o rebanho que dirige e alimenta. Seu estudo não deve ser apenas para pregar aos outros, mas também para a alimentação interior de sua própria alma. Muito de seu tempo deve ele passar em oração. Com efeito, alguém sugeriu que devemos sempre ter conosco o relógio, a fim de nos lembrarmos de que devemos orar a Deus tôdas as horas em que estamos acordados. Há um recrudescimento da força espiritual que vem da leitura da Palavra de Deus e da oração. Maior penetração nas verdades da Bíblia também se adquirem do estudo dos escritos do Espírito de Profecia, e eu poderia acrescentar que há poder no ministério de um homem assim fortalecido.

O membro da igreja, sitiado por uma semana de problemas, assenta-se no banco empenhado em apanhar um vislumbre do Mestre e ouvir uma mensagem de animação e esperança para fazer frente a outra semana. Os que ouvem homens que cuidam bem de sua vinha espiritual, não voltam para casa decepcionados. Esses homens sempre têm uma mensagem que provém de Deus, e se Cristo é exaltado o povo vem ávido para a igreja, como tangido por um poder invisível.

A maioria de nós já teve ocasião de, ao chegar ao local da reunião, ver irmãos literalmente se acotovelando na igreja, à procura de um assento, e sabemos que um poder divino aí estava operando. Também a maioria de nós se pode lembrar de tempos menos auspiciosos, quando o auditório primava pela ausência, e se empregavam tôdas as formas conhecidas pelos homens de anunciar as reuniões, mas debalde. A única pessoa a apressar-se para a igreja era o próprio ministro. Podemos culpar uma porção de fatores dessa escassez de responsividade: o tempo, a televisão, alguma festa patrocinada pela comunidade, ou mesmo deficiência dos instrutores bíblicos, — mas no mais íntimo de nossa alma sabemos que a razão não é nenhuma dessas coisas. É mais provável que seja a ausência de vigilância, de oração, de estudo, ou falta de senso comum na maneira de fazer os convites. Com um pouco mais de tempo no gabinete de estudo, poderá o pastor remediar a maior parte desses embarços.

Mas o erro principal em nosso ministério espiritual não reside em nenhum desses pontos mencionados. Está, sim, em nossa boa vontade

de pregar semana a semana e ano a ano a santos ociosos, que não dão testemunho de sua fé. Todos nós devemos ter percebido que os membros da igreja, em nossos dias, estão mais difíceis de dirigir na transação dos negócios do Rei. Talvez o problema esteja em sua própria consciência culpada, por conhecerem a vontade do Senhor e temerem comunicá-la pessoalmente aos vizinhos. A esta altura devemos saber que os santos estão dispostos a fazer quase tudo, de preferência a chegar-se a outra pessoa e falar-lhe de Cristo. Permitir que continue este estado de coisas constitui traição contra Aquêle que nos chamou para fazermos Sua obra. Nosso ministério tem de fazer mais do que inspirar o povo emocionalmente e levá-los a um profundo aprêço das coisas espirituais; tem de levá-lo a relacionar-se com as necessidades espirituais, físicas e temporais do povo. A pregação que leve à identificação com o serviço, eis a gritante necessidade do mundo agora.

2. *Liderança administrativa.* Não é segredo que muito apóstata que palmilha as ruas de nossas cidades grandes, cita como *número um* de suas queixas o fato de que ele foi “empurrado para fora da igreja.” Isto não é argumento contra a necessidade de uma instituição, espiritual ou outra, empregar a logística da sobrevivência. Os ensinamentos das Escrituras são cristalinamente claros neste ponto. A igreja e seu ministério têm de ser amparados. Isto é uma obrigação espiritual, baseada no amor que o crente tem a seu Senhor. Todavia, não é segredo que muitos dos planos para conseguir dinheiro, concebidos e executados por alguns dos pastorados locais, têm provocado dano entre os santos. Alguns têm recorrido a tudo, desde as vendas de miúçalhas até ao “casamento do Pequeno Polegar” para extorquir dos santos o último cruzeiro. Diligência nos negócios do Rei tem de ser a senha dos que se empenham na administração pastoral, quer seja a arrecadação de fundos, quer a administração de disciplina. Temos de ser eminentemente imparciais e misericordiosos, assim como justos. É o propósito final, mesmo de disciplina, tem de ser a restauração de uma alma. Em tempo algum deve a justiça própria caracterizar nossa conduta para com os santos, e por certo deve ser exercido todo o cuidado para mostrar aos disciplinados que a disciplina foi aplicada com coração cheio de amor e que eles são ainda desejados na igreja.

Conheço um pastor que, depois que disciplina um membro, nomeia uma comissão para visitá-lo e com ele conversar, até que seja reintegrado na igreja.

3. *Ministério evangelístico.* O propósito primordial da igreja e de seu ministério é a conquista de almas para Cristo. Fazemos um sermão

com o fim de refazer um homem. Qualquer forma que assuma o empenho evangelístico, quer seja feito pela pregação pública da Palavra, quer mediante estudos bíblicos ou por meio da comunicação em massa, por certo o ministro cristão deve empenhar-se em alguma forma de contato individual com os perdidos, com vistas a ganhá-los para o Salvador. Para cumprimento dêste ministério tríplice, êle de facto tem a mais profunda necessidade da presença do Espírito de Deus em sua vida. Assim habilitado, deve êle preparar-se para fazer face aos múltiplos problemas que o sitiam dia a dia, e experimentará o sentido da declaração: "Fêz-me bem ter ficado ressecado pelo calor e ensofado pelas chuvas da vida." E concordará êle com Epicuro:

"Quanto maior a dificuldade, tanto maior a glória de vencê-la. Os pilotos hábeis obtêm sua reputação dos vendavais e tempestades." E concordará com Young, que disse: "A maior parte de nossas satisfações cresce no intervalo de cruzes." E as palavras de Filemom, o filósofo, certamente constituirão também a sua filosofia:

"Nisto um homem é superior a outro, isto é, por ser mais capaz de suportar a prosperidade ou a adversidade."

Os ministros são mensageiros de Jeová, chamados e movidos por Deus. Como, antes de nós, nosso Senhor, não devemos falhar nem nos desanimar. Em nossa vereda há heresias, a cruz e a espada lançam sua nefasta sombra, mas para além das trevas vê-se o brilho insuperável da glória do *shekinah* triúno. Isso, colegas no ministério, é o que temos de ver, embora o presente se mostre envolto em uma treva de mil noites. Temos de ser inspiradores de fé, esperança e caridade em meio do temor, da dúvida e do ódio que envolvem a família humana. Jeová tem de encontrar vozes para a proclama-

Onde Está a Ásia?

(Continuação da pág. 3)

ço." Com simplicidade respondeu-lhe o talentoso ministro: "Mas o senhor se esqueceu de sua própria pessoa." Obreiros com um tal espírito são hoje necessários.

O apóstolo Paulo possuía uma humilde opinião de seu êxito e triunfos como ministro e, com autoridade, adverte-nos a não pensarmos sobre nós mesmos "além do que convém" (Rom. 12: 3). Porém, se acaso nos olvidarmos dêste conselho, e formos assaltados pelo desejo de considerarmos em forma imoderada os limitados dons ministeriais que possuímos, lembremo-nos da pergunta suscitada pelo sábio — Onde está a Ásia?

— ENOQUE DE OLIVEIRA

ção de Sua salvadora mensagem para o tempo atual. Encontre Êle em vós um instrumento disposto, entregue à humildade em sua expressão mais ampla, e se dará que a fé, escarnecida pelo populacho, ressurgirá do túmulo da ignorância humana, vindicará sua força negligenciada, para socorro de toda a humanidade, e — milagre dos milagres! — os cegos verão, os surdos ouvirão, e os coxos saltarão como bezerras.

Entregai-Lhe vossa vida, e acontecerá que a esperança, essa estrêla polar eclipsada pela grande e escura sombra da dúvida humana; a esperança — essa experiência desconhecida, essa escarnecida virtude, sim, a esperança reivindicará seus direitos e defenderá seus perseverantes possuidores que, apesar de cárceres, cavaletes e espadas desembainhadas, ousaram permanecer firmes em meio das trevas medonhas. Entregai-Lhe a vida e acontecerá que a caridade, essência do ser verdadeiro, brilho da luz, refrigerio da brisa estival, fôrça das colinas — a caridade será o laço de união. Benditas a fé, esperança e caridade, estas três; e viva para sempre permaneça a caridade. — *The Ministry*, dezembro, 1969.

A Imortalidade da Alma . . .

(Continuação da pág. 8)

3. *Ibid.*, XVI-XVII, 536.
4. Santo Agostinho (CA), *op. cit.* III, 215.
5. Le Roy E. Froom, *The Conditionalist Faith of Our Fathers* (Washington, Review and Herald Association, 1966). 1072 e 1073.
6. Santo Agostinho, "Quantidade da Alma" (CUA), *op. cit.*, III, 215.
7. Santo Agostinho, "Santíssima Trindade," (T), *op. cit.*, V, 517.
8. *Ibid.*, V, 653.
9. Santo Agostinho, "Do Livre Arbitrio" (LA), *op. cit.*, III, 457.
10. Santo Agostinho, (CD), *op. cit.*, 837, 839.
11. Santo Agostinho, "Do Gênesis à Letra" (GLE), *op. cit.*, XV, 1059.
12. Santo Agostinho, (CUA), *op. cit.*, III, 535.
13. Santo Agostinho, "Epístolas" (E), *op. cit.*, XI, 939.
14. Santo Agostinho, (GLE), *op. cit.*, XV, 1101.
15. *Ibid.*, XV, 1071.
16. Santo Agostinho, (E), *op. cit.*, XI, 763.
17. Santo Agostinho, (GLE), *op. cit.*, XV, 715.
18. Santo Agostinho, (LA), *op. cit.*, III, 287.
19. Santo Agostinho, (CD), *op. cit.*, XVI-XVII, 837.
20. Santo Agostinho, "Da Alma e Sua Origem," *op. cit.* III, 911, 971.
21. *Ibid.*, III, 837.
22. Santo Agostinho, (T), *op. cit.*, V, 823.
23. Santo Agostinho, (CD), *op. cit.*, XVI-XVII, 697.
24. Santo Agostinho, "Sermões," *op. cit.*, X, 193-199.
25. Santo Agostinho, "Enquirdião," *op. cit.*, IV, 617.
26. Reinhold Seeberg, *Manual de História das Doutrinas*, (El Paso, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1963), I, 358.
27. Santo Agostinho, (E), *op. cit.*, XI, 166.
28. Santo Agostinho, "Sermões," *op. cit.*, X, 193-199.
29. *Ibid.*
30. Luis Rey Altuna, *A Imortalidade da Alma à Luz dos Filósofos*, (Madrid, Editorial Gredos, 1959), 134, 135.
31. *Ibid.*, 136.
32. *Ibid.*, 136.
33. *Ibid.*, 136.

Algumas Idéias Sôbre Como Trabalhar Produtivamente

JOSÉ TABUENCA

(Conclusão)

III. Tomarei Contato com os Dirigentes da Igreja de Minha Associação

1. Uma vez realizado o trabalho anterior, com uma idéia aproximada do que deverei realizar, havendo repassado bem o Manual da Igreja e o Manual do Ministro, visitarei o Presidente da Associação para inteirar-me exatamente quanto ao que êle e a Mesa Administrativa esperam de mim, os limites de minhas atribuições, meus colaboradores, meu orçamento, meus direitos e meus deveres denominacionais. Um espírito respeitoso e cristão presidirá sempre à busca de informação e ajuda. A tôdas essas visitas levarei um livrinho de apontamentos e algumas idéias básicas do que poderia realizar para o Senhor em minha igreja ou distrito.

2. Tomarei contato com cada um dos departamentos de minha Associação.

a. Saberei o que posso receber como ajuda para edificar espiritualmente minha igreja.

b. Recolherei a data e itinerário de todo o ano quanto às visitas a minha igreja, para que possa preparar a igreja para essas visitas e torná-las altamente proveitosas para o plano de evangelização.

c. Colaborarei em tudo que esteja ao meu alcance para obter o mais alto clima de coordenação e colaboração com cada departamento da Associação.

3. Tomarei contato com o diretor da Escola Radipostal. Conseguirei o nome e endereço de cada aluno de minha zona. Se possível obterei o nome de cada aluno que tenha chegado até a lição 8 durante a última década. São adventistas potenciais e deverei atraí-los.

4. Tomarei contato com o diretor da Colportagem para obter a lista dos clientes no ano passado, de livros religiosos ou revistas, de clientes que morem em minha zona de trabalho. Rogarei que mande PELO MENOS UM COLPORTOR-EVANGELISTA efetivo a minha zona. Sei que será um grande apoio para meu plano de ação.

5. Tomarei contato com a Casa Publicadora e a Sociedade de Publicações para obter o nome e endereço dos assinantes de revistas de pessoas de meu distrito de trabalho. Seria bom saber

êsse pormenor desde cinco anos anteriores a minha chegada.

6. Tomarei contato com o diretor do Colégio que freqüentam meus jovens. Informar-me-ei do nome e endereço dos alunos de minha igreja no Colégio. Escrever-lhes-ei cartas pessoais e me interessarei por atender a suas necessidades. Investigarei as perspectivas anuais que o Colégio oferece a jovens com ideais mas sem recursos e tratarei de que ingressem como alunos industriários. Durante as férias apoiarei, estimularei e orientarei os alunos-colportores em meu distrito, ajudando-os a alcançar o estipêndio.

7. Escreverei ao capelão de nosso hospital, ou o visitarei, pedindo-lhe nomes e endereços de doentes que procederam de meu distrito. São adventistas potenciais. Escreverei para obter a relação dos alunos de "Uma Luz no Caminho," que morarem em minha zona.

8. Tomarei contato com pastôres e evangelistas, colegas, adventistas. Solicitarei suas idéias para estabelecer meu programa final. Intercambiarei com êles, livremente e sem egoísmo, minhas idéias e conquistas. Serei franco, leal, e mantereí, malgrado a distância geográfica, o espírito de equipe cristã.

9. Todos os pedidos de ajuda em qualquer terreno, fá-los-ei pelas vias regulares e com prévia autorização do presidente ou tesoureiro.

10. Serei pontual na remessa dos relatórios, correspondência, resposta a consultas, e conservarei sempre uma cópia de papel carbono de minhas cartas.

IV. Analisar os Elementos Recolhidos

O plano de captar o panorama da igreja e da comunidade, pode levar-me aproximadamente TRÊS SEMANAS de ativo e intenso trabalho.

1. Agora possuo informação de primeira fonte, recente, atualizada e de valor excepcional para retocar meu plano de ação para o ano e em favor da igreja.

2. A igreja avaliará profundamente um trabalho sério dessa espécie e considerará com

a maior simpatia e aprêço o programa que oportunamente lhe apresentarei.

3. Terei descoberto pontos fracos e fortes de minha grei e isso me levará a preparar um programa bem equilibrado, que tome em conta as realidades de minhas ovelhas e da comunidade que devo evangelizar.

4. Saberei a devido tempo a contribuição que a igreja tem dado e poderá dar em TEMPO, TALENTO, RECURSO e POTENCIAL HUMANO E RELIGIOSO. Agora poderei trabalhar com Prospectiva.

5. Terei estabelecido vínculos com a comunidade, que me servirão muitíssimo em meu programa cristão. Terei talvez obtido um período na estação de rádio, uma coluna semanal num diário, para publicar semanalmente pensamentos bíblicos (talvez trechos das Meditações Matinais de anos passados). O nome do pastor ao final dos mesmos atrairá a simpatia das famílias de meu distrito.

6. Esta análise me permitirá afastar imagens equivocadas, destruir preconceitos, mitos, ser mais realista na consideração dos pontos essenciais de um problema, cometer menos erros, produzir grandes economias de tôdas as espécies, arrolar tôda a igreja em atividades missionárias produtivas no plano de evangelização. Dinamizará o espírito da igreja o saberem os membros que seguem um líder capaz e organizado.

(Em alguns casos pode ser útil que algum irmão distinto acompanhe o pastor em visitas a alguns representantes da comunidade. Na primeira visita às igrejas convirá que eu vá só e em alguns casos que vá com minha espôsa. Não deixarei de ORAR EM CADA VISITA A CADA LAR ADVENTISTA, sempre, sem exceção.)

V. Síntese Final e Elaboração de Meu Programa de Ação

Dêsse trabalho passarei à elaboração do Programa de Ação para todo o ano, MÊS POR MÊS. Não deixarei nada por conta da IMPROVIZAÇÃO. Elaborarei um programa suficientemente flexível para que a VOZ DO SENHOR, as circunstâncias e a experiência permitam ajustes na execução. Farei um hábito da planificação permanente de minha ação evangelizadora, pois sei que sem planificação perderei lamentavelmente o tempo e preciosas almas, às quais, sem planejamento e organização não poderei chegar.

1. Elaborarei o programa sugestivo de ação. Horas de estudo e oração precederão a êsse importante trabalho de elaboração.

2. Buscarei o conselho do presidente da As-

sociação, apresentando-lhe o plano em processo de maturação.

3. Apresentarei logo à Comissão da igreja o plano, e ouvirei a opinião dos seus oficiais. Se fôr julgado conveniente voltar a estudar algum ponto do mesmo, entendo que convirá concluir esta primeira reunião de estudo do plano e marcar uma próxima para sua aprovação final. Como obreiro, não posso aceitar observações ligeiras ou superficiais, mas devo, sim, estar aberto e atento a tôda observação séria e sensata. Será bom tomar uns dias para um estudo das novas idéias.

4. Solicitarei à comissão da igreja a aprovação do PLANO DE AÇÃO EVANGELIZADORA, e tratarei de conseguir o apoio cristão em uma sessão que seja ao mesmo tempo uma ocasião de consagração do pastor e dos oficiais, ao Senhor e ao êxito do plano.

5. Prepararei cuidadosamente uma reunião especial para o próximo sábado de manhã. A igreja deve ter sido conduzida gradualmente a um alto nível espiritual por meio de uma semana completa de reuniões de reavivamento e reforma. No sábado de culminação dessa experiência apresentarei o plano de evangelização total e solicitarei a dedicação da igreja ao Senhor e ao êxito dêsse plano.

6. Executarei o plano anual COM o apoio e COM a colaboração da igreja.

7. Reunirei a comissão periódicamente, para AVALIAR o desenvolvimentc do plano e realizar sábios e oportunos ajustes. Os oficiais, ao sentirem que participam realmente, com o pastor, dessas avaliações, sentirão como seu, todo o trabalho, e a igreja será abençoada pela unidade de ação de seus dirigentes.

8. Informarei periódicamente ao MEU presidente da marcha do Plano e convidá-lo-ei a visitar a igreja e animá-la a conseguir seus objetivos missionários.

9. Informarei objetivamente dos triunfos do Evangelho a REVISTA ADVENTISTA e IDE! Enviarei algumas fotografias representativas e algum relato de conversões que estimule em outros o espírito missionário.

10. Nos Minutos Missionários de cada sábado estimularei a participação ordenada de leigos ativos. Creditarei aos leigos a sua ação. Farei isto especialmente por ocasião dos batismos. Isto os animará.

11. Porei em MEU trabalho o sentido de missão, de urgência e de CONFIANÇA EM DEUS.

12. Relembraei muitas vêzes que: LEIGOS ATIVOS, IGUAL A IGREJA VIVA.

(O Programa Anual de Trabalho seguirá separadamente.)

Um Estudo do Drama de Jefé

Juízes 11

CARLOS A. TREZZA

Introdução

A NARRATIVA do voto de Jefé, registada em Juízes 11, será sempre uma história pungente, não importa a interpretação que se lhe dê, pois nunca deixará de ser a história do sacrifício de algo muito caro ao coração de um pai — seja a morte real da filha querida, seja sua morte simbólica na dedicação ao eterno celibato. Em qualquer dos casos houve a perda irreparável da continuidade do nome de uma família de nobre estirpe por falta de descendente, coisa que em Israel poderia ser mais penoso do que a própria morte.

Quando se lê esse amargo episódio da história de Israel, sob a imediata impressão de que Jefé sacrificou a filha em holocausto a Jeová, é quase impossível sopitar um sentimento de angústia e de pena. O próprio autor deste artigo, desde os seus primeiros contatos com as Sagradas Escrituras, nunca pôde afastar do coração a mágoa de supor o extremoso Jefé entregando a filha única ao afiado cutelo do sacrificador. Essa mágoa o acompanhou até que, em face de um estudo mais aprofundado do assunto, pôde convencer-se de que tal tragédia na verdade não ocorreu, isto é, não houve o sacrifício cruento; Jefé não banhou em sangue o voto de sua consagração ao Deus de Israel.

Na esperança de que o resultado deste estudo possa ajudar de alguma forma a tirar um peso do coração, de muito leitor, trazemo-lo para as páginas de *O Ministério Adventista*, embora esta revista alcance apenas uma parcela dos leitores adventistas, ou por isto mesmo.

Não é coisa desconhecida entre os estudiosos que muito sucesso narrado nos compêndios da História — profana ou eclesiástica — tem chegado até nós com sentido esquivo em virtude da decorrência de tempo, pela transposição desses sucessos para uma época diferente, pelo desconhecimento do ambiente histórico em que o fato ocorreu, a alteração semântica ou corrupção de vocábulos, a ausência de pontuação e sinais diacríticos, supridos mais tarde pelos escribas e massoretas, o que deixou o sentido muitas vezes à mercê do arbítrio humano. E neste último caso avulta entre nós adventistas S. Luc. 23:43: "Em verdade te digo..." etc.

Quase pode dizer-se que no caso do voto de Jefé, a narrativa sofreu todas essas influências acima citadas, especialmente a alteração no sentido de vocábulos, e isto através de sucessivas revisões do texto bíblico em diferentes versões. E releva notar que certos textos que poderiam lançar luz sobre o episódio de Jefé, ajudando a entender o acontecimento dentro da lógica e do bom senso

Nota da Redação: O presente trabalho, embora longo, é publicado de uma só vez, pela inconveniência de sectioná-lo, dada a sua natureza.

na moldura da teologia, da liturgia do sistema sacrificial do povo hebreu em sentido geral — muitos desses textos, repetimos — foram revisados com o propósito confessado de ajustá-los ao entendimento dos críticos de que o sistema religioso de Israel incluía sacrifícios humanos. É o caso, para só citar um exemplo, de Lev. 27:29. Este texto é de suma importância para a compreensão exata do sentido do voto de Jefé, e por isto mesmo será objeto no presente estudo, de uma consideração mais demorada oportunamente.

Consideramos desnecessário reproduzir aqui o texto de Jefé em toda sua extensão, visto que todos o conhecemos. Basta-nos para o momento ter em vista que Jefé fez um voto que, no caso de envolver a morte da própria filha ou de qualquer outro ser humano, foi um voto imprudente, insensato, desarrazoado, não requerido pela lei cerimonial dos hebreus, e por isto mesmo um voto que não poderia ser aceito por Deus, pois em toda instrução a Israel é tornado relevante o fato de que Jeová abominava sacrifícios humanos, proibira-os ao Seu povo, e por causa desta abominação aqueles povos gentios foram lançados fora de sua terra, vindo Israel a habitar nelas como parte do conjunto das promessas de Deus a Seu povo.

É certo, porém, que o voto de Jefé envolvia um sacrifício supremo, conscientemente expresso nas palavras "Aquilo que," ou "seja o que fôr," isto é, cara como possa ser a propriedade, "será do Senhor." Verso 31. As versões mais antigas, principalmente inglesas, grafam: "Seja o que fôr que," ao passo que à medida em que essas versões vão sofrendo revisões, o sentido também vai sendo alterado, como acaba de acontecer com nossa *Almeida Revista*, que repete a *Revised Standard Version*, de 1952: "Aquêle que." Nossa Almeida não revista grafa corretamente: "Aquilo que." Já a Almeida "melhorada" da Imprensa Bíblica Brasileira (não confundir com a Sociedade Bíblica do Brasil), edição de 1948, conserva "aquilo que," mas em chamada marginal alerta: "aquêle."

É visível o propósito de evoluir de "aquilo" para "aquêle," de modo que se torne defensável a tese de que o voto implicava apenas seres humanos. Essa tendência sorrateira de evoluir gradativamente para o sentido de certas conveniências, é curiosamente observado na *Revised Standard Version*. Esta, como sabem os leitores, é uma revisão da *King James*, realizada primeiro em 1881-1885, por um grupo de teólogos ingleses e americanos. Nesta os revisores deixaram no texto "aquilo que," contentando-se em fixar na margem "aquêle que." É que nessa primeira revisão prevaleceu a opinião do grupo inglês, na base de um "acôrdo de cavalheiros" feito entre os dois grupos, segundo o qual, quando não houvesse unanimidade, prevaleceria o ponto de vista inglês, por terem tido estes a ini-

ciativa da revisão da *King James*. Já na revisão americana da *Revised Standard Version*, de 1952, findo o acôrdo, o grupo americano mandou às urtigas o "aquilo" e meteu no texto "aquele." E este exemplo não é o único, como veremos mais adiante.

Um estudo cuidadoso e acurado dêste assunto torna imprescindível a análise tanto do voto em si como da pessoa do votante, Jefté. E entendemos ser mais elucidador analisar primeiro a pessoa de Jefté, deixando a análise do voto em segundo lugar.

Que espécie de homem era Jefté? Era um homem culto ou ignorante? Sua formação religiosa era sólida, ou era êle uma espécie de meio-israelita meio-pagão?

A increpação de que Jefté, por ter sido filho de uma prostituta, era um homem ignorante, é excessivamente injusta. Primeiro, porque Jefté fôra criado no lar de Gileade, sob os cuidados da esposa legítima dêste e com os seus meio-irmãos. O ser alguém filho de prostituta não representava na época mancha nenhuma. Gileade, pai de Jefté, era um príncipe em Israel, e só o interesse de herança provocou sua expulsão da casa do pai pelos irmãos. "Não herdarás em casa de nosso pai," disseram êles, "porque és filho de outra mulher. Era um simples problema de partilha de bens, e não de condição social ou de origem. Como esta expulsão ocorreu "sendo já grandes" (verso 2), torna-se evidente que Jefté recebeu a mesma educação e instrução dos demais filhos de Gileade.

Pelos versos 12 e 13 do capítulo 11, verifica-se que Jefté era homem prudente, polido, hábil político, pois procurou dissuadir pacificamente ao rei de Amom a que saísse dos termos de Israel. A partir do verso 15, até o verso 28, podemos notar o profundo conhecimento que tinha Jefté da história de Israel. Êle não comete nenhum erro quer de história, quer da geografia da época ou de perspectiva política. Conhece todos os limites das possessões de Israel, e todas as implicações políticas resultantes dos atos de posse. (V. 26.)

Não era, pois, Jefté, um meio-pagão ignorante, como pretendem mostrá-lo alguns. É certo que viveu algum tempo entre marginais, quando expulso da casa do pai, mas o mesmo não ocorreu com Davi?

Seria Jefté um homem irreligioso, ou religioso mal esclarecido? Fácilmente se verifica que não. Ao introduzi-lo na história, o verso 1 de Juízes 11 diz que êle era um homem "valente e valoroso." Notem que a designação "valoroso" não parece indicar apenas um homem de coragem, mas um homem de caráter, de fé. Assim é dito também de Gideão que era um "varão valoroso." E de Naamá, que nem israelita era, é dito também ser homem "valoroso," e nós sabemos da integridade dêste capitão sírio. De outros homens se diz que eram "valentes," sem a ênfase de "valorosos," como se pode ver de Saul, na lamentação de Davi, e outros exemplos. A *Almeida Revista* eliminou em Juí. 11:1 o adjetivo "valoroso," tomando-o como redundância de "valente." E errou ao fazê-lo. Não era redundância; era ênfase.

Que Jefté era homem religioso, e religioso esclarecido, consciente, vê-se na mensagem enviada por êle ao rei de Amom. Ao historiar longamente a saída de Israel do Egito, e a tomada em possessão das terras outrora pertencentes aos

desapossados, nem um momento sequer deixa êle de atribuir a Jeová êsses atos, e manifesta nessa mensagem sua confiança em que o Deus de Israel ainda é o mesmo e pelejará por Seu povo outra vez. (Verso 27.) Tudo nêle sabe a bom senso. Nada que indique desequilíbrio ou fanatismo.

Sintomática também da sólida espiritualidade desse líder de Israel, é sua escolha para conduzir os exércitos israelitas contra os filhos de Amom. Essa escolha ocorreu num momento e em circunstâncias muito especiais. Vale a pena rememorar-la:

Jefté havia sido expulso de casa pelos irmãos. Entrementes os exércitos de Amom invadem a terra. Comparando-se em Juí. 10:15 e 16 com 11:5, verifica-se que Jefté foi buscado pelos homens de Gileade depois de um grande movimento de reconsecração a Deus, com confissão de pecados e reconhecimento de culpa. Os ídolos são lançados fora, e é feito um nôvo concôrto entre o povo e Deus. Precisavam agora de um homem que liderasse os exércitos de Israel, homem que fôsse tão "valente" "quão valoroso," isto é, corajoso e fiel. Esse homem foi encontrado na pessoa de Jefté.

Ora, sem nenhum esforço pode ver-se que Jefté não era homem ignorante, inculto, fanático ou místico. Era um homem equilibrado, profundamente fiel a Jeová. Após receber a investidura de líder, o seu primeiro cuidado é buscar a Deus, juntamente com os anciãos de Gileade, numa ratificação do acôrdo feito entre êles e o povo na presença de Deus (versos 10 e 11).

Seria fácil aceitar a idéia de que um homem como Jefté, num ato do mais grosseiro paganismo, tivesse chegado à loucura de votar a Deus, em sacrifício abominável, um ser humano, mesmo que êsse ser não fôsse sua própria filha? É tão absurdo admitir isto, como seria imaginar que um dos nossos líderes dos mais reconhecidamente consagrados, ponderados e fiéis, no momento mesmo de uma grande reunião de consagração do coração a Deus, sacasse do bôlso a imagem de um santo da igreja católica e ali, diante de todo o povo, se prostrasse de joelhos perante ela. Estaria louco, por certo. Mas Jefté não estava louco; nunca estêve. Então, o senso saudável conduz à conclusão de que Jefté não poderia ter oferecido sua filha em holocausto a Deus.

A fim de não tumultuar as idéias, estamos dando expansão a uma linha de raciocínio antes de entrar no aspecto mais técnico dêste estudo. Isto ajudaria a esvaziar a mente de qualquer "decisão" previamente tomada, ajudando a considerar o assunto num plano de reflexões comparadas. Por exemplo:

A corrente que sustenta haver Jefté de fato sacrificado a filha, afirma que era comum entre os israelitas e práticas de sacrifícios pagãos.

Essa afirmação só é verdade em parte, e não tem a mínima semelhança com o caso de Jefté. Os que faziam sacrifícios pagãos, como o de oferecer filhos em holocausto, jamais o fizeram "a Jeová." Faziam-no a ídolos. Em outras palavras, israelitas apostatados do culto de Jeová, apeçavam-se ao culto pagão. Não há um único exemplo bíblico de israelita, mesmo apostatado, oferecer sacrifício humano ao Deus de Israel. E os que sacrificaram a ídolos, foram sempre classificados como ímpios. É o caso dos reis Acáz e Manassés. São apresentados como ímpios reis de Israel.

Os sacrifícios humanos sempre causaram o maior

horror aos israelitas fiéis, como se pode ver da reação do exército de Israel em face de um exemplo desses oferecido pelo rei Mesa de Moabe. (Ver II Reis 3:27 e 28.)

Cita-se muitas vezes o exemplo de Gideão que, embora fiel servo de Deus, praticou no final de sua vida um ato de idolatria, o que poderia ter ocorrido também com Jefté. A lembrança é bem oportuna, e nos permite fazer algumas observações. Primeiro, o que Gideão fez, foi supor que sua posição e seu chamado lhe comunicavam autoridade sacerdotal, e com base nessa conclusão errônea, praticou alguma coisa que no seu entender supria a ausência local de sacerdote. E mais: Ellen G. White, comentando o procedimento de Gideão, não lhe poupa séria censura. Entretanto, falando de Jefté, não lhe dirige a menor reprovação, e menciona-o como “um libertador,” que Deus suscitara. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 596. Nenhuma referência desabonadora à pessoa do líder gileadita. Teria a irmã White deixado de servir-se da oportunidade para oferecer ao povo de Deus neste tempo preciosas lições do procedimento de Jefté, tivesse ele praticado, embora honestamente, o ato monstruoso que lhe é atribuído? Mas Gideão também agiu honestamente, e a irmã White nem por isto deixa de citá-lo ao povo de Deus hoje como um penoso exemplo nesse caso específico.

Ora, se o voto de Jefté não é mencionado pela irmã White como um erro; se pelo relato bíblico se verifica que Deus aceitou o voto; se Jefté aparece no capítulo 11 de Hebreus como um dos heróis da fé, ao lado mesmo de Gideão; se, quando fez este voto, Jefté estava sob a influência do Espírito de Deus (v. 29); se no próprio texto em que o procedimento de Jefté é citado, não há a mais leve insinuação de que o seu procedimento foi repulsivo, não há como aceitar a idéia de que esse líder em Israel praticou um ato infamante, que haveria de despertar a repulsa de todos os seus contemporâneos. E não só a repulsa, mas até mesmo uma reação libertária, como aconteceu com Saul no caso de Jônatas (I Sam. cap. 14).

Em face do que se expôs até aqui, é fácil concluir que o voto de Jefté estava em harmonia com as ordenações divinas, tendo obedecido à lei que disciplinava para o povo de Israel os votos de consagração. Isto é o que podemos ver sem dificuldade, na análise que faremos do voto de Jefté.

Analizando a Lei dos Votos

Uma acurada análise da lei que regulava os votos leva à conclusão de que o conhecimento que tinha Jefté das leis e ordenanças do culto hebreu não era menor do que o que possuía da história de Israel.

Os votos eram coisa muito solene no conjunto da prática religiosa no culto de Israel. Não eram obrigatórios, mas uma vez feitos, deixar de cumprí-los era cometer sacrilégio. A regulamentação da lei dos votos encontra-se no capítulo 27 de Levíticos. Tendo todos nós à mão o capítulo, deixamos de transcrevê-lo, e só faremos citação de texto quando isto for útil para clareza de sentido.

Eram de duas naturezas os votos — remissível e irremissível — e nêles podiam ser incluídos tanto seres humanos, como animais, objetos, casas, campos

etc. Qualquer propriedade podia ser votada ao Senhor.

Quando um israelita votava a Deus alguma coisa com a intenção de redimi-la, este era chamado voto de *dedicação* (na King James é designado como “voto singular,” ao passo que a Almeida não revista classifica-o como “particular.” Lev. 27:2). O voto não remissível era chamado voto de *consagração*. Está especificado no verso 28 de Lev. 27. Aqui a Almeida Revista foi mais clara, designando-o de forma específica como voto “irremissível.”

Informa Clarke que a designação hebraica para esses dois tipos de votos é *Neder*, para os votos singulares, ou remissíveis, e *Cheren*, ou *Jeren*, para os irremissíveis.

A Natureza do Voto Remissível. — Era um voto de consagração branda (dedicação), isto é, em que a pessoa manifestava gratidão comum, e se redimia com dinheiro, conforme a avaliação do sacerdote (Versos 2 e 3); e o padrão de avaliação era o ciclo chamado “do santuário.” O que servia de base para a avaliação no caso de pessoas, era a idade. A avaliação mais alta estava entre pessoas de vinte a sessenta anos. Acima de sessenta a avaliação caía, levando-se em conta também que as pessoas do sexo feminino obtinham avaliação mais baixa do que os do outro sexo. E esta observação é importante no caso de nosso estudo do voto de Jefté, como se verá mais adiante.

Quando a coisa votada era um animal, se fosse limpo e servisse para o sacrifício e o dono não o quisesse remir, embora o voto fosse remissível, o sacerdote o oferecia em holocausto, pois se tornara propriedade da nação. Era esta uma das fontes de que provinham os sacrifícios da manhã e da tarde. Quando, porém, se tratava de animal imundo, o sacerdote o avaliava para ser vendido. Se o próprio dono o quisesse comprar (redimir), deveria acrescentar um quinto à avaliação do sacerdote (verso 11).

No caso de propriedades, se fosse por exemplo uma casa, a avaliação seguia o mesmo processo anterior, podendo o dono resgatá-la com o acréscimo de um quinto. Mas se se tratasse de um campo, o que regulava a avaliação era o ano do Jubileu, visto que nesse ano a propriedade retornaria aos donos primitivos conforme a lei. Assim, o valor da avaliação dependia da maior ou menor proximidade do ano do Jubileu. É interessante notar que nesse mesmo capítulo 27, que regula os votos, fica expressamente proibido a dedicação de primogênito, visto “já ser do Senhor.” V. 26.

Assim era com os votos remissíveis. Convém notar que os primogênitos do sexo feminino não eram obrigatoriamente do Senhor, podendo ser dedicados em qualquer tempo, o que explica o ter Jefté podido dedicar a filha. Se em vez de filha fosse filho, Jefté não teria podido fazer o seu voto, por proibição da lei dos votos. Isto demonstra que ele tinha conhecimento do assunto e não era um ignorante.

A Natureza do Voto Irremissível. — Dentro desta temática dos votos, absolutamente essencial para a elucidação do controvertido voto de Jefté, o conhecimento da natureza do voto irremissível é fundamental. Por ele vê-se que Jefté estava perfeitamente cômico da gravidade do voto que proferia diante de Deus, e compreende-se a sua an-

gustia ao ver que era sua filha que lhe saía ao encontro após a vitória sobre os edomitas. Tratava-se de voto irremissível, como veremos.

Como já vimos, o verso 28 do capítulo 27 de Levítico disciplina o voto *irremissível*. Declara-se expressamente ali que "qualquer coisa consagrada, que alguém consagrar ao Senhor," não poderia ser resgatada e nem vendida. Era coisa santíssima ao Senhor, passando a ser propriedade do sacerdote. Mas, no que respeita ao voto irremissível de pessoas, a preceituação é mais específica, pois estava envolvido o livre arbítrio humano e o direito de terceiros. Assim é que uma mulher casada, se fizesse um voto "ligando a sua alma" (Núm. 30:6, 7 e 8), esse voto soleníssimo perderia a validade, desde que o marido, uma vez informado dele, se opusesse. Isto porque o voto poderia ter sido feito em prejuízo do marido a quem a mulher devia obediência, segundo as leis e costumes da época. Era uma provisão sábia da parte do Senhor, a fim de prevenir inevitáveis conflitos sócio-dogmáticos. Desde, que o marido, informado do voto soleníssimo e irremissível, se mantivesse calado, dava por isto mesmo validade ao voto, e a mulher estava obrigada a êle, sob pena de anátema. O mesmo acontecia com uma filha solteira vivendo em casa do pai. Lemos: "Também quando uma mulher fizer voto ao Senhor, e com obrigação se ligar em casa de seu pai na sua mocidade..." e ouvindo-o o seu pai, se calar..." Núm. 30:3-5.

Fácilmente se observa a diferença deste voto do voto remissível. Neste, uma simples oferta em dinheiro, conforme a avaliação do sacerdote, libertaria a pessoa votada. No outro, a única possibilidade de libertação era a anulação do voto, nos exemplos citados acima. No caso de uma viúva, cuja vontade era soberana e não tendo a quem dar satisfações, nada havia que pudesse anular o seu voto. Teria de ser cumprido (v. 9).

Não são desconhecidos exemplos de viúvas servindo ao Senhor no templo (Ana, no Nôvo Testamento) e de mulheres em geral, solteiras ou não (II Samuel 2:22 é citado por Clarke como um exemplo de mulheres que fizeram voto de servir no templo). Ver também Êxo. 38:8.

Como a regulamentação do voto irremissível visava antes de tudo preservar a livre disposição da vontade, não podia uma pessoa votar outra pessoa em voto irremissível; nem o marido pela mulher, nem o pai pela filha. É por isto que foi necessário a concordância da filha de Jefté em relação ao voto do pai (Juí. 11:36).

Analizando o Voto de Jefté

Estamos agora em condições de formular a pergunta: De que natureza era o voto de Jefté, remissível ou irremissível? A resposta é óbvia. Se fosse remissível, o problema estaria resolvido com uma simples oferta de trinta ciclos de prata. (Lev. 27:4.) Quanto poderia isto representar para Jefté? Um quase nada.

Aí está a que alturas de grandeza chegava o coração consagrado deste príncipe de Gileade. Disposto a dar ao Senhor o máximo, não faria um voto remissível, de importância ultra-secundária. Mas o coração pleno de gozo e fé daquele homem não sabe o que consagrar (é a idéia de Lang), e deixa que o próprio Deus escolha. Por

isto, diz: "Aquilo que sair ao meu encontro," seja o que for que o próprio Senhor escolher, "será do Senhor." Juí. 11:31.

Agora chegamos ao ponto crucial. Todo o voto de Jefté é perfeitamente compreensível, até a expressão "será do Senhor." Estava implicada aí a natureza irremissível do voto. Mas a sua complementação "o oferecerei em holocausto" cria todo o óbice. Dedicando a filha ao Senhor, por que haveria Jefté de se propor fazê-lo em holocausto? O voto, mesmo com suas solenes e graves implicações de voto irremissível, é compreensível e aceitável até aqui. Mas a idéia, absurda e monstruosa do holocausto humano, rouba-lhe todo significado. É inconcebível que Jefté tenha feito um voto a Deus dentro de toda minuciosa prescrição da lei, e então o houvesse malsinado com a declaração estapafúrdia de oferecer em holocausto o objeto votado. Mesmo que por uma confusa interpretação da lei do voto, Jefté se houvesse julgado no dever de queimar a filha, qualquer sacerdote tê-lo-ia esclarecido. Havia sumo sacerdote, para quem Jefté poderia ter apelado no sentido de aliviar-lhe a dúvida. No entanto, toda disposição do relato parece indicar que o ato de Jefté não foi indigitado como procedimento bárbaro, desnecessário. O ato foi aceito com naturalidade e respeito por todos, e a única reação mais forte foi o pedido — também respeitosa — das amigas para estar com a companheira algum tempo, antes que o voto se consumasse. E Deus aceitou o voto.

Os que defendem a idéia do sacrifício cruento no voto de Jefté, citam logo Lev. 27:29, para com isto mostrar que a morte era requerida por prescrição divina nos casos de voto irremissível de pessoas. Vale a pena reproduzir esse texto e esmiucá-lo antes de voltarmos às considerações que vínhamos fazendo sobre o voto de Jefté. Leiamos: "Ninguém que dentre os homens for dedicado irremissivelmente ao Senhor, se poderá resgatar: será morto." (Versão Almeida Revista.)

A primeira reação de quem lê este verso da maneira como está vertido, é de surpresa, depois de espanto. Será possível que Deus haja requerido a morte de pessoas votadas em voto irremissível? Ora, já vimos que a lei dos votos não pede semelhante procedimento. Como se explica então que o verso diga exatamente isto, isto é, que pessoas votadas em voto irremissível sejam mortas?

Não temos nenhuma dúvida em afirmar, por mais grave que seja esta declaração, que este verso é um desses exemplos de continuadas revisões, em que cada vez que é revisto mais se afasta do original; e mais ainda, que evolui na forma para servir à idéia de certa crítica erudita, de que o cerimonial hebreu incluiu sacrifícios humanos. Tanto isto é certo, que diferentes versões traduzem-no de diferentes maneiras, dependendo da idéia predominante no espírito dos revisores. E podemos prová-lo acompanhando essa evolução de pensamento. Por exemplo, citamos a *Revised Standard Version*, a que já nos temos referido, e que é clássica por ter sido a primeira revisão a rigor assim chamada da *King James*. Nesta — a *King James* — o sentido é meio obscuro como em nossa Almeida não revista. Ous o grupo americano que a *Revised Standard Version* fixasse a idéia de que o texto se referia a pessoas consagradas, e não a coisas consagradas por pessoas como era o pensamento dominante anteriormente. Queria o grupo americano que o verso

disse: "Ninguém consagrado, que fôr consagrado dentre os homens..." etc. A mudança fundamental seria a troca de "nenhum (pessoa ou coisa) por ninguém," e "de homens" por "dentre os homens," porque entendiam que o texto se referia a nações ou pessoas pagãs que Deus ordenara fossem destruídas. Ora, isto era forçar o texto a dizer o que achavam que devia dizer. Não concordou o grupo inglês, e o ponto de vista do grupo americano foi para o apêndice, conforme acôrdo feito anteriormente, segundo o qual, sempre que não houvesse unanimidade, prevaleceria no texto a opinião do grupo inglês, podendo o grupo americano publicar em apêndice, se o desejasse, as suas preferências. Esse acôrdo era por quinze anos.

Pois bem, findo o período de acôrdo (1901) os americanos passaram para o texto da *Revised Standard Version* as suas preferências que estavam em apêndice. Mas — e aqui chamamos a atenção para a insidiosa evolução — em 1952, os americanos fizeram nova revisão da revisão, isto é, revisaram novamente o texto já revisto em 1885, alterando agora profundamente o verso 29 de Lev. 27, para que expressasse a idéia do grupo americano. Temos então o seguinte quadro:

King James: "Nenhum (pessoa ou coisa) consagrado, que fôr consagrado de homens... etc.

Primeira Revisão (1885): "Ninguém consagrado, que fôr consagrado dentre os homens..." etc.

Segunda Revisão (1952) "Ninguém consagrado, que deva ser totalmente destruído dentre os homens."

É por isto que sempre que um grupo de "teólogos" que se autoriza a si mesmo, toma assento para proceder a revisão da Bíblia, pomos a nossa barba de molho. Cada nova revisão, mais o texto revisto se afasta do original.

Agora o verso 29 de Lev. 27 na *Revised*, sustenta fortemente o pensamento de que Jefté, num aranzel de confusão mental, poderá ter sacrificado a filha.

Mas as observações feitas até aqui nos autorizam a admitir que originalmente esse verso tinha uma redação bem diferente e perfeitamente consentânea com a lei geral dos votos. Como bem diz Clarke, não é possível que Deus fôsse deixar ao arbítrio de algumas palavras apenas uma exigência que viria contraditar tudo quanto Ele mesmo diz em Sua Palavra com respeito à abominação dos sacrifícios humanos. Citando alguns textos de Clarke sobre o verso 29 de Lev. 27:

"Tôda coisa devotada a Deus seria inalienável, irremissível, e continuaria como propriedade do Senhor até à morte." — *Introdução ao cap. 27 de Levítico*. E mais adiante, após transcrever o verso como se encontra na *King James*, acrescenta: "Ou, como alguns o compreendem, será propriedade do Senhor, ou será pôsto no serviço do Senhor até à morte" — *Ibidem* (Grifo suprido).

É perfeitamente lícita a suposição de que originalmente o verso tivesse sido redigido mais ou menos assim: "Nenhuma coisa consagrada em voto irremissível poderá ser resgatada: será do Senhor, e irá até à morte," isto é, seria do Senhor enquanto vivesse. À medida que os copistas foram transcrevendo o texto, facilmente veio êle a passar de "será do Senhor, e irá até à morte," para "será do Senhor e irá para a morte, ou mais modernamente, morrerá."

Fácilmente encontraríamos um sem-número de textos que passaram pela mesma plana, mas só

citaremos um: I Crôn. 20:3: "E o povo que estava nela levou, e os fêz serrar com a serra e..." etc. É quase imediata a pergunta: Fêz serrar o povo ou fêz o povo serrar? É perfeitamente compreensível que o texto diz que Davi fêz esse povo trabalhar com a serra, e cortar com o machado etc.; era, por certo, como redigido originalmente, um texto facilmente inteligível. Entretanto, ilegível como se encontra no original hebreu, um número alentado de versões o traduzem como "fêz-os cortar com machado, e foram serrados com serra, e fêz passar sobre êles carros ferrados." E Matos Soares acrescenta (o que não se encontra em nenhuma outra versão): "Até que ficassem despedaçados e esmigalhados."

No caso acima, qualquer comentário é desnecessário, pois até uma criança entende o que o verso quer dizer. Está corrigido um pouco a mêdo na *Almeida Revista*, o que nos leva a perguntar por que a Comissão Revisora da Almeida que tão arrojadamente modificou textos desnecessários, que tão de perto seguiu a *Revised Standard Version*, no presente caso deixou totalmente de lado esta versão e fugiu de esclarecer o sentido, precisamente aqui onde é evidente a idéia original do texto, tão evidente que a *Revised* diz: "E levou o povo que estava nela, e fêz-os trabalhar com serras" etc.

Como no caso de Lev. 27:29, também com o verso 31 de Juí. 11: "Aquilo que, saindo da porta de minha casa, me sair ao encontro, voltando eu dos filhos de Amom em paz, isso será do Senhor, e o oferecerei em holocausto."

Já dissemos anteriormente que até a expressão "será do Senhor," o voto de Jefté está na mais completa harmonia com a lei dos votos. Logo, qualquer interpolação mental que tenha forçado uma mudança na estrutura do verso como o passar do tempo, será encontrada nessa parte final do versículo. E que isto realmente ocorreu, é o que iremos provar.

Citemos primeiramente uma frase de Lang: "Devidamente compreendido, o voto coroa a profunda piedade de Jefté... Êle sabe quão grandemente a vitória fortalecerá a fé de tôdas as tribos em Deus." — *Lang's Commentary*, sobre Juí. 11:31.

O rabino Herman Gollanez, citado em *Homiletic Review*, sustenta: "Posso demonstrar-vos que muitos eminentes eruditos judeus têm sustentado que Jefté não matou a filha, porque o voto que fizera não requeria tal procedimento."

O Dr. Hale, em seu longo estudo sobre o voto de Jefté, transcrito por Clarke, expende uma série de observações que apresentaremos de forma sumária. Diz êle que o idioma hebreu justifica uma tradução disjuntiva, consistente de duas sentenças, regidas por conjunção dual. Assim: "Será do Senhor, ou lhe oferecerei em holocausto." E sustenta esta idéia com a afirmativa de que a conjunção *vau* tanto pode ser e como *ou*, o que se pode inferir do seguinte exemplo: "Aquêle que amaldiçoa a seu pai e (vau) a sua mãe, certamente morrerá." O texto tem sido traduzido disjuntivamente: aquêle que amaldiçoa "a seu pai ou a sua mãe," pois é lógico que não seria necessário que a maldição recaísse sobre os dois para que a pessoa se tornasse ré de morte. Assim, no caso do voto Jefté, dever-se-ia ler: "Será do Senhor,

ou Lhe oferecerei em holocausto," isto é, se fôr um animal próprio para sacrifício, será oferecido em holocausto, e se fôr uma pessoa, será do Senhor, para ficar ao seu serviço por toda a vida. Mesmo porque, a expressão "será do Senhor," jamais é usada em relação a animais, mas só em relação à pessoas. (Verso 1.)

Que Jetté tanto poderia estar pensando em pessoas como em animais ao proferir o seu voto, é visível, segundo Lang, pelo fato do verbo *sair*, "aquilo que *saindo* de minha porta," ser indefinido, podendo se referir "tanto a pessoas, como a coisas ou animais" (*Lang's Commentary*, sobre Jui. 11), como o mesmo verbo se encontra em Gên. 9:10: "Todos que *sairam* da arca."

É forçoso admitir que Jetté sabia que sua própria filha poderia ser a escolhida por Deus no envolvimento de seu voto. Seria absurdo supor que Jetté pensasse em tudo, menos na própria filha. Por isto mesmo, na manifestação de sua enorme dor, êle nem de leve lança sobre Jeová a mínima acusação. Ao contrário, confirma o voto quanto a sua parte, esperando que a filha, a quem êle não poderia envolver definitivamente a menos que ela concordasse, se manifestasse. E vemos como o espírito da filha de Jetté é tão maravilhoso como o de Isaque. Por êsse espírito da filha, que denuncia um sólido e lúcido fundamento religioso, podemos mais uma vez inferir que Jetté era realmente um homem de espírito religioso, claro, limpo, saudável, e não um fanático ou ignorante.

A expressão "o que sair de minha porta para fora," não significa a rigor apenas o que saísse de dentro de sua casa, mas de seus termos. É comum êste tipo de linguagem bíblica, em que *casa* é tomada por família, propriedade, ambiente ou arredores. Jetté naturalmente não ofereceria a Deus num voto irremissível um cordeiro ou um novilho, pois isto era por demais insignificante para um voto numa situação especial. Mas se o próprio Senhor o escolhesse, isto era o que êle ofereceria. Naturalmente estava no espírito de Jetté que, se os amonitas pagãos, amavam os seus deuses falsos a ponto de oferecer-lhes em sacrifício os próprios filhos, por que haveria êle de negar a Deus sua filha, se isto fôsse o que Jeová escolhesse? E foi o que Deus escolheu; e foi o que êle ofereceu, não em sacrifício, que não era a exigência divina em nenhum caso, mas para servir a Deus pelo resto de sua vida.

Como todo voto era solenizado com um sacrifício, entendem alguns comentadores que o verso 31 de Lev. 11 devia ser lido — e a forma original o autoriza — da seguinte maneira: "Será do Senhor, e Lhe oferecerei um sacrifício," pois o pronome *hu* de "oferecer (êle) em sacrifício," pode ser traduzido indiferentemente por "a Êle," isto é, "oferecerei a Êle [Deus] um sacrifício."

Que o voto não trazia em si a mínima idéia de sacrifício humano, vê-se pela declaração de Jetté ao rei de Amom: "O Senhor... julgue hoje entre os filhos de Israel e os filhos de Amom." V. 27. Ora, Jetté conhecia o culto de Quemós, deus dos amonitas. Neste culto, como, em todos os cultos pagãos de Canaã, havia sacrifícios humanos. Jetté comparara o baixo culto de Amom com o culto divino de Israel. Sabia que o culto de Jeová, que abominava os sacrifícios humanos, era supremamente superior e enobrecedor. Iria

êle agora, no momento mesmo em que o povo de Israel se reconveria a Deus, profanar o culto, a reconsagração, sua própria consciência cristalinamente fiel, e praticar um ato nunca dantes visto nem mesmo entre os mais baixos do povo?

No verso 37, depois de haver mostrado sua enorme capacidade de amar a Deus dando validade ao voto do pai, tudo que a filha de Jetté pede é que se lhe permita que por dois meses "desça pelos montes e chore a minha virgindade." Ora, por que haveria de chorar a virgindade, quem estava condenada a morte? Choraria, por certo, todas as coisas maravilhosas da vida; choraria a própria despedida da vida em si mesma. No entanto, tudo quanto ela chora era a sua virgindade, porque o voto consistia precisamente no desperdício de uma vida fértil e jovem que, como com qualquer filha de Israel, poderia representar a geração do Messias. Ela não chora a morte, não chora a crueldade do tipo da morte que iria sofrer, nem as chamas devoradoras que a iriam consumir em sacrifício. Não, porque a grande perda, a grande dor, a grande tristeza, era o ficar uma nobre casa destituída de nome para o futuro — a casa de Jetté. E mais:

"A filha de Jetté não lamenta o ter de morrer como uma virgem; o que ela lamenta é a virgindade em si mesma." — *Lang's Commentary*, sobre o cap. 11 de Juizes. Isto é, em outras palavras, ela lamenta o que essa virgindade, tornada agora inútil, representa para sua família, para seu pai, para si mesma. Não havia morte física a lamentar; havia, isto sim, uma maternidade latente tornada vã.

Outra pergunta: Por que pediria a filha ao pai dois meses para se ausentar de casa? Ora, quem estivesse condenada à morte, num caso como o presente, quereria desfrutar com a família todos os momentos restantes de sua vida. Mas a filha sabe que tem a vida toda para ver e receber a família em seu futuro mister de dedicação exclusiva a Deus nos serviços do templo. Poderia até vir em casa, pois o voto não o impedia. O penoso do voto era que, tendo sido votada como virgem, não poderia jamais contrair núpcias. Supõe que a filha de Jetté fôsse casada, que Jetté em vez de pai fôsse marido, que o voto tivesse sido feito exatamente como foi, e a filha, no caso esposa, tivesse igualmente concordado com o voto e aceito a vida de serviço exclusivo a Deus. Não haveria o choro pela virgindade nem o retiro pelos montes com as amigas. Poderia haver outras coisas que chorar, mas não o que chorou a filha de Jetté.

Lembramo-nos de Samuel. Êle foi dedicado em voto irremissível, exatamente como foi a filha de Jetté. Se se tratasse de uma jovem, também haveria uma virgindade a lamentar. Como Samuel, a filha de Jetté foi dedicada ao Senhor "por todos os dias de sua vida." Quando Ana entregou Samuel a Eli, fê-lo com a declaração: "Pelo que também o trago como devolvido ao Senhor, por todos os dias que viver." I Sam. 1:28. Como se vê, exatamente como requer o regulamento do voto irremissível em Lev. 27:29: "Não será redimido, mas será do Senhor até à morte," e não para sentença de morte, como absurdamente está vertido êste texto.

O rabino Gollanez chama a atenção para a declaração: "Daí veio o costume em Israel, de

as filhas de Israel saírem por quatro dias de ano em ano a *lamentar* a filha de Jefté." (V. 40.) E diz que o verbo *lamentar* no hebraico da época tinha o significado de "consolar." E chama a atenção ainda para a "Englishman's Bible," que dá o sentido exato do verbo. Temos à mão uma edição de 1913: Nela, a expressão *lamentar* que aparece no texto, é indicada na margem como "falar com." Onde se compreende que as amigas da filha de Jefté vinham "consolar" a filha de Jefté quatro dias ao ano, palestrando com ela, louvando-lhe o consagrado coração com palavras e com cânticos. E diz Clarke: "Este verso traz a evidência de que a filha de Jefté não foi sacrificada, pois não há indício de que esse costume tenha continuado depois de sua morte." — *Comentários do Dr. Adão Clarke, sobre Juízes 11.*

Tomamos a liberdade de citar Clarke mais uma vez, num ponto que nos parece de suprema importância. Referindo-se ao V. 39, à expressão: "E ela não conheceu varão," êle diz: "Isto é, continuou virgem *todos os dias de sua vida.*" — *Ibidem.* Claro. Seria ociosa a declaração, se ela tivesse sido sacrificada. Tal como em S. Mat. 1:25, a afirmativa induz à idéia de continuidade do elemento incurso: Maria, no texto de S. Mateus, e a filha de Jefté, no texto de Juízes. Como todo o drama girou em tórno do "sonho virginal desfeito," para citar o poeta, a declaração confirmadora de que "ela não conheceu varão (em todos os dias de sua vida), é o coroamento da epopéia.

Concluindo, lembramos que muita especulação tem surgido quanto ao destino que teria tido a filha de Jefté, desde que não tenha sido queimada em holocausto. Parece-nos inútil e abusiva a especulação. Achem alguns que o pai lhe construiu uma casa em lugar êrmo, onde ela viveu o resto de sua vida. Ora, sabendo que era absolutamente comum o costume de virgens servirem no templo em voto eterno, ou por algum tempo, conforme tenha sido o voto feito, é natural supor que a filha de Jefté passou ao serviço de Deus nos trabalhos do santuário em Silo, até o derradeiro dia de sua vida. Recebia, naturalmente, a visita dos pais, das amigas, dos parentes, talvez ela mesma os visitasse, sem prejuízo daquela visita de quatro dias ao ano, que era uma espécie de "magoada festividade" da parte de suas amigas.

Sumariando: Jefté não levou sua filha ao martírio da morte, porque:

1. Não era ignorante, nem fanático, nem pagão.
2. Seu voto estava em harmonia com as exigências da lei dos votos.
3. Estava sob a influência do Espírito de Deus quando fez o voto.
4. Nenhuma condenação pesou sobre êle da parte de Deus depois do voto, e nem é o seu caso mencionado em termos de restrição, como no caso de Gideão.

5. Contrariamente a todos os exemplos de sacrificios humanos praticados por israelitas, que sofreram a imediata condenação de Deus, no caso de Jefté não há menção dessa condenação.

6. A irmã White, que não poupa Gideão pelo seu ato relativamente leve de fazer um êfode, não faz a mínima acusação a Jefté.

7. Jefté encontra-se entre os heróis da fé em Hebreus 11.

8. Tôda suposição de sacrificio cruento da parte de Jefté se deve à corrupção do significado de palavras e ao distanciamento do fato no tempo.

9. Facilmente Jefté poderia ter sido aliviado do tremendo pêso do ato a que se sentiria obrigado, porque qualquer sacerdote em Israel ter-lhe-ia mostrado que o sacrificio da vida, longe de ser requerido, era uma abominação diante de Jeová.

10. Jefté não era o único pai a ter uma filha virgem ao serviço de Deus no santuário em Silo. O costume era comum, e Jefté não poderia ignorá-lo.

Concluindo, lembramos que os mais notáveis comentadores não admitem a idéia do sacrificio da filha de Jefté. Assim:

Lang: Não foi sacrificada.

Clarke: Não foi sacrificada.

Hale: Não foi sacrificada.

Gollanez: Não foi sacrificada.

São opiniões abalizadíssimas, de comentadores famosos — fora outros não mencionados neste trabalho — que estudaram longa, exaustivamente o assunto.

Depois disto, não deixa de ser desconcertante o fato de nosso *SDA Bible Commentary*, sem nenhum aprofundamento da matéria, num estudo corrido, fortuito, haver esposado a tese do sacrificio cruento. Devia ter-se limitado a expor as diferentes opiniões, sem esposar nenhuma. Foi uma pena.

Situações Impossíveis

(Continuação da pág. 6)

para ela ver como é bonito guardar o sábado? (Joana era uma colega amiga, não adventista, que se interessara e assistia às reuniões.)

— Como não! disse eu; mas é melhor que você venha comigo, para tratarmos de fazer render um pouco mais o cardápio. . .

Felizmente tínhamos bastante verduras próprias para fazer salada, e latas de feijão em conserva e uma caixeta grande de ricota para aumentar a refeição que eu preparara, e logo nos achávamos sentados — éramos doze ao todo — e foi uma hora aprazabilíssima a que passamos juntos. Como depois nos rimos por conta do convite que crescera, crescera e crescera! Não tivemos o *tête-à-tête* que havíamos planejado com os nossos amigos, mas tivemos uma hora maravilhosa.

Sim, por vêzes nos sobrevém tôda sorte de situações impossíveis, e algumas delas se tornariam muito aborrecidas se permitíssemos que nos aborrecessem. Tomemo-las tais como nos vêm, aceitemos o repto que nos representam, e tratemos de tornar a todos, inclusive nós mesmos, tanto mais felizes! — *The Ministry*, dezembro 1969.